



UFRRJ

**INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA**

LUCIANA DE BARROS MENDES

**MEMÓRIAS DE PESQUISA SOBRE NARRATIVAS DE
EDUCANDOS E EDUCANDAS DA PRIMEIRA TURMA DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE PAULO FREIRE
EM ANGICOS**

SEROPÉDICA

2025



CamScanner

LUCIANA DE BARROS MENDES

MEMÓRIAS DE PESQUISA SOBRE NARRATIVAS DE EDUCANDOS E
EDUCANDAS DA PRIMEIRA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS DE PAULO FREIRE EM ANGICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
graduação em Educação Agrícola da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do Grau
de **Mestre em Educação**. Área de
concentração em Educação Agrícola.

Orientadora: Dra. Adriana Alves Fernandes
Costa

Seropédica, RJ
Agosto de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M538m MENDES, LUCIANA DE BARROS , 1978-
MEMÓRIAS DE PESQUISA SOBRE NARRATIVAS DE EDUCANDOS
E EDUCANDAS DA PRIMEIRA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS DE PAULO FREIRE EM ANGICOS / LUCIANA DE
BARROS MENDES. - Seropédica, 2025.
82 f.: il.

Orientadora: Adriana Alves Fernandes Costa.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2025.

1. Narrativa. 2. Experiência. 3. Educação de Jovens
e Adultos. 4. Memórias. 5. Paulo Freire. I. Costa,
Adriana Alves Fernandes , 1978-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE ENSINO



TERMO Nº 884 / 2025 - DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)

Nº do Protocolo: 23083.059961/2025-10

Seropédica-RJ, 14 de outubro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Luciana de Barros Mendes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM:

Adriana Alves Fernandes Costa

Orientador, Dr.(a) UFRRJ

Norma Cristina Vieira Costa

Membro externo, Dr.(a)

Sabrina Galeno da Costa

Membro externo, Dr. (a)

(Assinado digitalmente em 14/10/2025 09:28)
ADRIANA ALVES FERNANDES COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1106017

(Assinado digitalmente em 17/10/2025 19:35)
SABRINA GALENO DA COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1954153

(Assinado digitalmente em 14/10/2025 22:45)
NORMA CRISTINA VIEIRA COSTA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 620.092.492-91



CamScanner

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **884**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **14/10/2025** e o código de verificação: **c6a668c063**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por poder chegar até aqui, sempre mostrando os melhores caminhos a seguir.

Aos meus pais, pois sem eles eu não estaria hoje aqui. Agradeço a eles pela minha vida, e por tudo que fizeram por mim.

Ao meu irmão por sua lealdade, amizade, carinho e amor. Meu irmão sempre foi um grande incentivador, acreditando sempre no meu potencial e mostrando que eu poderia chegar a lugares inimagináveis.

Ao meu filho Bento, por me fazer conhecer um amor que eu nunca havia sentido na vida. O amor mais puro que j[á] senti , é o meu que sinto por você.

A todos os que direta e/ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA), aos seus professores e funcionários, pelas contribuições e receptividade durante todo o período da jornada acadêmica.

Ao Professor Bruno Bahia, pela coordenação do PPGEA e a capacidade de compartilhar seu conhecimento.

As Professoras Sabrina Galeno da Costa e Norma Cristina Vieira Costa, por aceitarem o convite de participar da minha banca de defesa.

Aos colegas da Demanda Social 2023 do PPGEA pelas trocas de experiências.

À minha querida e amada orientadora Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, por ser essa pessoa tão generosa, com esse olhar e fala que acalma, traz paz e tranquilidade. Feliz aquele que tem a oportunidade de dividir com você esse caminho florido, cheio de cores e sorrisos.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos os meus familiares, minha mãe Izabel, meu pai Ronaldo, meu filho Bento, meu irmão André, minha avó Belinha, meu avô Eduardo e minha avó Euci.

RESUMO

MENDES L. B.. **Memórias de pesquisa sobre narrativas de educandos e educandas da primeira turma de educação de jovens e adultos de Paulo Freire em Angicos**. 2025. 82f. Dissertação Mestrado em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.,

O presente trabalho é um estudo sobre as memórias das experiências vivenciadas pela pesquisadora na relação com educandos e educandas que compuseram a primeira turma de Educação de Jovens e Adultos de Paulo Freire, em Angicos, Rio Grande do Norte. A pesquisa teve como instrumento metodológico o diário de pesquisa que recuperou e analisou as memórias de uma experiência vivida com duas mulheres e dois homens que compuseram a primeira turma de alfabetização do referido educador, em 1963. A pesquisa, de caráter essencialmente qualitativo, se preocupou em sistematizar as memórias do vivido, tendo como base o Paradigma Indiciário. O objetivo desta pesquisa foi cumprido, através de registros em forma de diário de pesquisa, que representou um recorte das memórias do vivido: pelos dois educandos, pelas duas educandas e pela pesquisadora. As narrativas dialogam com a literatura desta pesquisa, e trazem em forma de lampejos, as experiências que os ex alunos e ex alunas tiveram com o método de alfabetização de Paulo Freire.

Palavras-chave: Narrativa; Experiência; Educação de Jovens e Adultos; Memórias; Paulo Freire.

ABSTRACT

MENDES L. B.. Research memories on narratives of students from the first class of Paulo Freire's youth and adult education program in Angicos. 2025. 82p. Master's Dissertation in Agricultural Education. Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.

This paper is a study of the memories of experiences lived by the researcher in her relationship with students who made up Paulo Freire's first class of Youth and Adult Education, in Angicos, Rio Grande do Norte. The research was based on a research diary that recovered and analyzed the memories of an experience lived with two women and two men who made up the first literacy class of the aforementioned educator, in 1963. The research, of an essentially qualitative nature, was concerned with systematizing the memories of the experience, based on the Evidential Paradigm. The objective of this research was achieved through records in the form of research diaries, which represented a fragment of the memories of what was experienced by: the two studentes, the two female students and the researcher. The narratives dialogue with the literature of this research and bring in the form of the glimpses of the experiences that former students had with Paulo Freire's literacy method.

Keywords: Narrative; Experience; Youth and Adult Education; Memories; Paulo Freire.

RESUMEN

MENDES L. B. **Investigación sobre las memorias narrativas de estudiantes de la primera promoción del programa de educación para jóvenes y adultos de Paulo Freire en Angicos.** 2025. 82 págs. Tesis de Maestría en Educación Agrícola. Instituto de Agronomía, Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.

Este trabajo es un estudio sobre las memorias de las experiencias vividas por la investigadora en la relación con los alumnos que compusieron la primera clase de la Educación de Jóvenes y Adultos de Paulo Freire, en Angicos, Rio Grande do Norte. La investigación tuvo como base metodológica el diario de investigación que recuperó y analizó los recuerdos de una experiencia vivida con dos mujeres y dos hombres que integraron la primera clase de alfabetización de la mencionada educadora, en 1963. La investigación, de carácter esencialmente cualitativo, se preocupó por sistematizar los recuerdos de la experiencia, a partir del Paradigma Evidencial. El objetivo de esta investigación se logró a través de registros en forma de diarios de investigación, los cuales representaron un fragmento de las memorias de lo vivido por: los dos estudiantes, las dos alumnas y la investigadora. Las narrativas dialogan con la literatura de esta investigación y traen en forma de visiones la experiencias que exalumnos tuvieron con el método de alfabetización de Paulo Freire.

Palabras clave: Narrativa; Experiencia; Educación de Jóvenes y Adultos; Recuerdos; Paulo Freire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Brasil de forma ilustrada, mostrando a localização de Angicos, no Rio Grande do Norte.	29
Figura 2: Print da conversa com Passos Júnior e a expectativa criada em conseguir realizar a pesquisa.	31
Figura 3: Na foto estou com minha família em minha casa. Meu filho Bento, meu irmão André e minha mãe Izabel. Estamos comendo um lanche delicioso que meu irmão levou da Parmê.	32
Figura 4: Foto da Avenida Beira Mar a noite com pessoas passeando na orla.	34
Figura 5: Foto tirada em frente à casa de cultura. Nessa foto olho para o céu agradecendo por ter conseguido chegar em Angicos.	38
Figura 6: Foto com uma imagem em tamanho real de Paulo Freire, no Memorial de Paulo Freire na UFERSA.	38
Figura 7: Foto da aula que participei a convite da professora Juliana na UFERSA , onde falei sobre a minha pesquisa de Mestrado.	39
Figura 8: Céu encoberto minutos antes da procissão sair no centro de Angicos, em homenagem ao padroeiro da cidade São José.	59
Figura 9: Painel do corredor do Memorial Paulo Freire, onde deixei minha assinatura na obra de arte.	62
Figura 10: Foto tirada no jardim em frente ao Memorial Paulo Freire, com as mudas de árvores plantadas por seus ex-aluno, alguns vivos, outros já falecidos.	63
Figura 12 -Eu na festa junina da minha primeira escola, Instituto Castro e Silva, que não existe mais.	79
Figura 13: Eu e minha querida e amada mãe, que esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me apoiando sempre. Foto da minha formatura no ensino fundamental, antiga 8ª série, no Centro de ensino Eurípides Barsanulfo, conhecido como “Nosso Lar”. A escola também não existe mais.	79
Figura 15: Eu e meu amigo Alex nos formamos juntos na Escola Estadual de teatro Martins Pena, e estreamos na peça “Esse Mundo é um Pandeiro”, em cartaz no teatro Glaucio Gil no Rio de Janeiro. Um grande amigo que “partiu” cedo demais, e deixou muita saudade.	80
Figura 16 : Eu e dois alunos do Projeto Apostando no Futuro no campo de terra da comunidade Complexo da Paula Ramos, nas aulas de percussão, no qual eu trabalhava como coordenadora cultural criando projetos para a comunidade.	81
Figura 18: A melhor coisa que já fiz até hoje: ter dado à luz ao amor da minha vida, meu filho Bento.	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
ISERJ	Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro
FIRJAN	Federação de Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi Árido
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
SUS	Sistema Único de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS PÁGINAS DO MEU DIÁRIO.....	1
1.1	Memorial de Formação.....	2
2	CAPÍTULO I EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EXPERIÊNCIA EM ANGICOS.....	7
2.1	Educação Popular	7
2.2	Educação de Jovens e Adultos.....	11
2.3	A experiência de alfabetização em Angicos.....	14
3	CAPÍTULO II MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA E NARRATIVA.....	16
3.1	Memória	16
3.2	Experiência	17
3.3	Narrativa	20
4	CAPÍTULO III METODOLOGIA.....	22
5	CAPÍTULO IV MEMÓRIAS DO VIVIDO E O DIÁRIO DE PESQUISA	30
5.1	Análise de Índícios no diário de pesquisa	65
5.2	Lampejos em ação	66
5.3	Análise dos Temas dos Educandos e Educandas.....	68
5.3.1	Análise da Afetividade na memória	68
5.3.2	Análise da Alfabetização como leitura de mundo	69
5.3.3	Análise da Experiência de alfabetização em Angicos	70
5.4	Análise dos Temas da pesquisadora	71
5.4.1	Análise da Afetividade na memória	71
5.4.2	Análise da Experiência	71
5.4.3	Análise da Narrativa	72
5.5	Esquema visual dos Lampejos em ação	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
7	REFERÊNCIAS	75
8	APÊNDICE	78
	Apêndice II - Fotos do Memorial	79

1 PRIMEIRAS PÁGINAS DO MEU DIÁRIO

Seropédica, 2025.

O presente trabalho analisou as memórias das experiências vividas pela pesquisadora na relação com as histórias contadas pelos alunos e alunas da primeira turma de alfabetização de Jovens e Adultos de Paulo Freire, em Angicos, Rio Grande do Norte, no ano de 1963. A pesquisa buscou compreender como as memórias das experiências, organizadas através de um diário de pesquisa, se apresentaram como elementos formativos. Através do diário de pesquisa foram produzidas narrativas, reunindo elementos que formularam e produziram as memórias da pesquisadora.

Portanto, após 62 anos da experiência vivida em Angicos, completados no ano de 2025, a investigação buscou compreender as memórias das narrativas mencionadas na relação do vivido pela pesquisadora, considerando as experiência em suas múltiplas dimensões: singular e plural.

Partimos do pressuposto que falar de Paulo Freire, é falar de educação popular, é falar de uma educação que está comprometida com o processo de emancipação de sujeitos e de transformação de vidas através da educação. Como nos alertou Paulo Freire (1996) é necessário compreendermos dialeticamente a relação existente entre os limites e as possibilidades de uma educação conscientizadora. A compreensão dialética dos limites da prática social e, conseqüentemente, educativa, nos remete à relação dos homens e das mulheres com a história. A relação dialética das pessoas com a realidade, é que vai possibilitar a gestação de uma educação que, em sendo transitória, busca incessantemente um novo saber, uma nova qualidade de aprender, fundamentada na criticidade, na problematização, no questionamento: condições essenciais para uma ação educativa transformadora, contextualizando o homem e a sua realidade social (Freire,1996).

O motivo que ocasionou a minha inscrição no Programa de Mestrado em Educação Agrícola, foi investigar as minhas memórias sobre a experiência vivida por mim em uma viagem técnica¹ realizada em Angicos no ano de 2025, na qual relatei as experiências vividas pelos alunos e alunas da primeira turma do método de alfabetização de adultos de Paulo Freire em Angicos–RN.

Esta pesquisa está organizada em quatro capítulos. O **capítulo I** aborda os temas :

¹ Processo submetido ao Comitê de Ética. Número do Parecer consubstanciado ao CEP: 7.615.030

Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, e a experiência de alfabetização em Angicos; O **capítulo II** discute memória, experiência e narrativa; já o **capítulo III** trata a metodologia da pesquisa realizada; e por fim no **capítulo IV** retrata as narrativas da memória do vivido e o diário de pesquisa.

O memorial de formação a seguir, narra a minha história de vida, um recorte temporal da minha infância até os dias atuais, e quanto ao meu trajeto, enquanto sujeito histórico, com algumas particularidades e singularidades, me fizeram chegar ao PPGEA acreditando que nunca é tarde para sonhar, para acreditar em si. Não há idade que limite acesso ao saber, ao conhecimento, só há força de vontade, coragem, e persistência.

1.1 Memorial de Formação

Memórias Afetivas

Gosto de lembrar do tempo,

Daquele tempo de memórias

bonitas,

Do tempo de pessoas queridas, amigas, antigas

família, avós e avós,

Ah como me sinto só,

Somente em fotografias,

*Minhas lembranças mais queridas, vividas, vividas e
vivas,*

*Uma sempre-viva no meu pensamento e no meu
coração.*

Luciana de Barros Mendes.

Poema Memórias Afetivas, 2023.

Nascida no subúrbio do Rio de Janeiro, na antiga maternidade Promatre em Madureira, eu, Luciana de Barros Mendes, furei a bolha do mundo e dei o meu primeiro: “muito prazer, me chamo Luciana”, às 7h45min do dia 15 de maio de 1978. Passei os dois primeiros meses de vida, morando com a minha tia-avó, no bairro Ilha do Governador, pois minha mãe teve hepatite e não pode ficar comigo e nem me amamentar. Passado esse período retornei a minha casa junto aos meus pais.

Morávamos no bairro chamado Sampaio, talvez o menor bairro do Rio de Janeiro, pois

o mesmo possui apenas quatro ruas. Cresci na brincadeira de rua, descendo a ladeira de onde morava no carrinho de rolimã, brincando de pique pega, pique esconde, de amarelinha e conversando com meus amigos e minha tia Marlene, que era a tia mais engraçada, e que ficava junto a mim e meus amigos sentada em um papelão, que encostávamos na base de um poste para nos iluminar e ali ficávamos até tarde. Risos, brincadeiras descontraídas fizeram parte da minha infância, da minha pré-adolescência, e sou grata a todos esses momentos vividos, pelas vivências e pelas experiências que se tornaram ricas aprendizagens para mim.

Falar desses momentos da minha vida é também falar dos meus avós: Eduardo de Barros e Apollinária Izabel de Barros, pessoas que nasceram em uma época carregada de costumes e hábitos de uma geração que hoje já não está entre nós. Minha avó nasceu em 1921 e meu avô em 1907, ambos apesar de terem estudado até o fundamental I, tinham um conhecimento de mundo, eram uma verdadeira enciclopédia ambulante. Minha avó era filha de imigrantes italianos e portugueses, que vieram buscar no Brasil, novas oportunidades na vida e no trabalho. Não conheci meus bisavós maternos, aliás minha bisavó materna faleceu quando eu tinha 1 ano de vida. Um breve relato sobre a vida deles no Brasil é que meu bisavô era o motorista oficial do presidente da república Getúlio Vargas, meu bisavô se chamava Carlos Rodrigues Silva e minha bisavó Rafaela Rago. Ela costurava fardas para o exército brasileiro ,quando o Brasil foi convocado a participar da Grande Guerra Mundial. Já os meus bisavós paternos, tive maior convivência, ambos faleceram por volta dos meus oito anos.

Voltar no passado me faz relembrar, reviver, rememorar e me emocionar com uma fase da minha vida em que eu era muito feliz dentro da vida e das possibilidades que meus pais podiam me proporcionar. Entrei para a escola aos 4 anos, no Instituto Castro e Silva, colégio que hoje não existe mais.

Logo após, fui morar por cinco anos no bairro chamado Jacarepaguá onde estudei no Colégio Impacto. Essa escola, “Ah quanta saudade...”, o cheiro da grama cortada, aquelas florezinhas amarelas, o parquinho de areia com uma casa de madeira onde eu brincava de fazer comida, de bonecas, o balanço, a gangorra e um detalhe muito interessante, minha mãe mandava na minha mochila como merenda, todos os dias dois ovos cozidos que ela dizia ser muito bom para a saúde. Lembro que quando eu abria aquele pote o cheiro era tão forte, que eu corria para comer esses ovos no banheiro. Hoje dou risadas, mas na época eu não gostava e lembro que pedi muito para eu levar uma merenda como os meus colegas, até que um dia eu levei o meu primeiro biscoito “Presuntinho” e me lembro que, ao mesmo tempo que foi um dia feliz, foi também um dia triste, porque foi a primeira vez que sofri uma agressão física de uma colega, justamente devido ao meu biscoito. Essa colega jogou meu saco de biscoito no

chão e me rodou pelos cabelos. Foi horrível. Depois nunca mais ocorreu.

Ainda nessa escola, fazíamos piqueniques ao ar livre, e lembro também, que apesar desse ambiente bucólico, o medo foi um sentimento que passou a ser acionado em mim. Nessa época, meus pais se separaram, eu tinha 8 anos. Minha vida a partir desse momento mudou. Saí de Jacarepaguá e voltei e morar no Sampaio, que foi o bairro que morei quando nasci, e onde era a casa dos meus avós. Eu, minha mãe e meu irmão, este com apenas 2 meses de vida, fomos morar com nossos avós no Sampaio.

Apesar da separação nos ter afetado diretamente, pois mudamos de casa, de escola, fomos morar com meus avós, via com menos frequência meu pai, a nova escola em que fui matriculada, chamada Centro de Ensino Eurípedes Barsanulfo, mais conhecida como “Nosso Lar”, era uma escola espírita, com cerca de 1500 alunos, localizada no bairro Lins de Vasconcelos, no Rio de Janeiro. Essa escola foi uma das mais ricas experiências que acredito que tive na vida. Tínhamos aula de música, teatro, existia um pequeno jardim zoológico na escola, onde conhecíamos algumas espécies de animais, fazíamos passeios para sítios, museus, era ótimo. Percebi que talvez enxergar a vida e as pessoas de uma maneira mais sensível e afetiva, se deva ao fato do acúmulo de boas experiências e vivências que tive na minha infância.

Falar de nós mesmos nos faz navegar em mares com dias de maré baixa, maré alta e ressaca no mar. Tecendo narrativas sobre a minha vida e minha própria trajetória lembrei-me de algumas cenas estampadas em fotografias que trazem muita saudade. Como diz na peça teatral “Aurora da minha vida: Ah que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais (SOUZA, 1981)”. Bate uma melancolia, um sentimento de uma recordação distante, mas que pulsa o coração trazendo paz e alívio diante das circunstâncias e desafios de uma vida adulta.

Retomando a minha fala anterior sobre essa escola querida onde terminei meu ensino fundamental, fui cursar o ensino médio no Colégio e Curso Martins, onde essa época morava no Méier. Fiz amigos, tive meu primeiro namorado, mas como quase todos os meus colegas, não sabia muito bem o que iria fazer e escolher como graduação, meu pai tinha muito pouco envolvimento com meus estudos então me via muitas vezes pensando sozinha no que iria fazer.

Foi então que aquelas aulas de teatro do colégio Nosso Lar, pulsaram em meus pensamentos, e decidi estudar teatro, participando do processo seletivo para a escola estadual Martins Pena, fundada em treze de janeiro de 1908, a escola de teatro é a mais antiga da América Latina, onde estudaram Procópio Ferreira, Tereza Raquel, dentro outros atores

icônicos do cenário artístico brasileiro. Considero essa fase que durou dois anos e meio em um curso profissionalizante, como o melhor momento da minha vida. Aulas de corpo, interpretação, teoria do teatro, história do teatro, canto, foram de forma expressiva impactando a minha vida e despertando em mim o gosto pela arte. Nossas aulas iniciavam às 13h e terminavam às 22h. Voltava no ônibus 239, linha que comunicava a zona norte ao centro do Rio de Janeiro.

Formada, atuei em algumas peças teatrais, curta metragens, mas a vida no teatro não era fácil, e numa das idas e vindas da luta em ser artista no Brasil, minha avó materna mostrou-me uma matéria no jornal Folha Dirigida, o qual anunciava o concurso para o Banco do Brasil. Foram dois anos e oito vezes de muita dificuldade de adaptação. Sentia muita falta da arte. Até que um dia vi nas ruas de Santa Tereza, um bairro onde residem muitos artistas, um outdoor escrito “Projeto Iniciativa Jovem”, projeto esse com patrocínio da Shell. Eu e um amigo escrevemos um projeto cultural, ele músico e eu atriz, passamos por uma capacitação e ao final participamos de uma feira na FIRJAN onde fomos escolhidos pelo Instituto Xerox do Brasil para desenvolvermos o nosso projeto no Complexo de Comunidades chamada Paula Ramos, comunidade escolhida por nós por carecer de projetos que levassem para a comunidade a oportunidade de conhecer o universo da arte.

Buscar a vida acadêmica na educação sempre foi um sonho para mim. E a largada aconteceu aos 30 anos de idade, iniciando minha trajetória no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, onde me graduei em Pedagogia no final de 2012. Foram anos muito especiais, de muito estudo, onde cada conhecimento que chegava, desabrochava em mim um desejo de mudança, de poder colaborar de alguma forma com a educação. Foi então, que no último ano da Graduação decidi fazer concurso para a Educação na área de Orientação Educacional, onde eu pudesse desenvolver projetos nas escolas que atendessem as demandas, e as necessidades das comunidades escolares onde eu atuaria, e escrevi um livro infantil chamado “Marinha e o tapete Mágico”, que conta a história de uma menina que não tinha brinquedos, e sua mãe brincava com ela através de um tapete, que era o tapete da sala, dizendo que o tapete era mágico, e muitas coisas boas aconteciam ao tocar esse tapete. Todo dia ao limpar o tapete, a mãe de Marinha despertava a imaginação da filha. O livro ainda não foi publicado, mas a oportunidade de realizar o concurso veio no seguinte, 2013.

Inscribi-me para o concurso para o cargo de Orientação Educacional da Prefeitura Municipal de Japeri. Fui aprovada e convocada em fevereiro de 2014, quando assumi o cargo. Fui um dos dias mais felizes da minha vida. Fiz até uma festinha. Me emociona. Quando pude viver aquele sonho de verdade foi maravilhoso. Agora eu poderia estar de fato em uma escola,

conhecendo a realidade daquela comunidade escolar, seus anseios, dores, questionamentos e necessidades. Completo em fevereiro de 2023, nove anos no município, e foram tantos projetos desenvolvidos. Um que gosto de destacar é o projeto “Dinâmica das Estrelas” projeto que criei logo no primeiro ano e que realizo até hoje, com a participação de toda a comunidade escolar, no qual identificamos a necessidade de trabalharmos valores como solidariedade, respeito, empatia, dentre outros, afim de atender e resolver demandas do nosso dia a dia na escola.

Vivendo o universo escolar, uma das funções do Orientador Educacional é auxiliar na formação de projetos educacionais especializados para alunos com necessidades especiais. Nesse momento percebi que precisava buscar mais conhecimento, para melhor atender meus alunos. Foi então que decidi fazer a faculdade de Psicologia. Me inscrevi na graduação em Psicologia no ano de 2016, e conclui minha segunda graduação em 2021. Hoje, com o conhecimento que adquiri consigo entender melhor cada caso que tenho na escola e assim poder atuar e auxiliar com maior competência na elaboração de projetos para esse segmento, como também para encaminhamentos para setores de atuação multiprofissional. Mas eu ainda preciso de mais, mais no sentido de conhecer, expandir, promover, e de poder atuar em uma área que eu, talvez por ter começado a minha vida acadêmica, considero eu que tardiamente, possa através do Mestrado desenvolver projetos para o segmento da EJA para os alunos do município do Japeri. Uma EJA que transforme vidas, através de uma educação popular, transformadora de saberes acumulados por esse segmento de alunos e que impactam diretamente suas vidas e o seu futuro.

2 CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EXPERIÊNCIA EM ANGICOS

2.1 Educação Popular

Pensar sobre a educação popular, é mergulhar em uma revisão do sentido da própria educação. Segundo Brandão (2006), pelo menos entre aqueles que a pensam de modo mais orgânico, a educação popular parece não só existir fora da escola e à margem de uma “educação escolar”, de um “sistema de educação”, ou mesmo “da educação”, como também parece resistir a tudo isso. A educação popular não parece ser um modelo único e paralelo de prática pedagógica, mas um domínio de ideias e práticas regido pela diferença, para explorar o próprio sentido da educação, através do percurso dos diferentes modos de ser como educação popular. A educação popular está na diversidade de situações e formas que ela tomou, e possui hoje em dia, como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; como a educação do ensino público; como educação das classes populares; como a educação da sociedade igualitária.

A educação descrita acima, busca o compromisso com os segmentos populares da sociedade, cujo objetivo maior é o de contribuir para a elevação da sua consciência crítica, do reconhecimento da sua condição de classe e das potencialidades transformadoras inerentes a essa condição. Não é possível considerar como educação popular, um tipo de educação que ao invés de esclarecer, de desopacizar os segmentos populares da sua condição de sujeito da história, tenta mascarar, homogeneizar as classes sociais em detrimento da manutenção da ordem social vigente. Tendo a educação popular o conhecimento como matéria prima para efetivação da sua prática social, as classes populares devem ser oportunizadas a um determinado saber capaz de associado ao saber já existente na sua prática de vida cotidiana, constituir como um instrumento de mobilização, conscientização e de organização de políticas de classes. É essencial que haja uma ligação com os interesses populares que irá definir o caráter da educação popular.

O compromisso com a educação popular perpassa pela realidade de vida de cada sujeito que dela faz parte. A realidade de cada aluno, suas peculiaridades e especificidades, fazem parte dessa educação que busca tocar o universo particular de cada aluno desenvolvendo suas potencialidades, levando como algo de extrema relevância suas subjetividades e a sua

leituras de mundo. Portanto, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares, que chegam a ela com saberes socialmente construídos na prática comunitária.

Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire destaca a necessidade profissional de compreender e explicar sistemas, estabelecer regras e metodologias, que obriga o educador pouco a pouco pensar a sua própria prática. Separando-a por vezes do mundo e de domínios sociais e culturais onde ela concretamente existe, ou, ao contrário, associando-a diretamente a amplas e longínquas determinações sociais, o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada, na cultura, no lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui.

Segundo Freire (1996), o saber deve respeitar a autonomia, a dignidade, e a identidade dos educandos, e na prática, procurar a coerência com o saber dos mesmos, pois caso isso ocorra a aprendizagem se torna inoperante, um saber inautêntico e um palavreado vazio. O exercício do bom senso quanto mais posta em prática torna maior a capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, de forma mais eficaz e crítica a prática do educador. O exercício ou a educação do bom senso, vai superando o que há de instintivo na avaliação dos fatos e dos acontecimentos na prática docente, na qual não pode faltar ética em face das práticas pedagógicas. Ao pensar sobre a prática do professor, além de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, e sua identidade em processo, o professor deve ter uma reflexão crítica permanente sobre a sua prática, sobre o seu próprio fazer com os educandos. O ideal seria uma forma pela qual os educandos pudessem participar da avaliação, pois o trabalho do professor é o trabalho com os alunos e também consigo mesmo.

Ainda de acordo com Freire (1996), o saber fundamental à experiência educativa são construídos no esforço que nos impomos entre o que dizemos e o que fazemos, entre o discurso e a prática. A responsabilidade do professor é sempre muito grande. A prática docente especificadamente humana, é profundamente formadora, por isso ética. A responsabilidade do professor é fundamental, pois a natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar a sua marca. Daí a importância do

exemplo que o professor ofereça a sua lucidez e o seu engajamento em defesa dos seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício dos seus deveres.

Segundo Brandão (2006), a educação popular acompanha caminhos e uma sucessão de momentos que estão diretamente ligados a uma diversidade de situações e formas que ela tomou e possui hoje em dia. Assim, Brandão (2006) procura explorar pelo menos quatro diferentes sentidos da educação popular, como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; educação do ensino público; educação das classes populares e a educação da sociedade igualitária.

Essa pesquisa se debruçou para discorrer sobre o tema "educação popular", na obra de Brandão, na qual o autor busca pensar criticamente a educação, compromissada com o povo, que pode falar e escrever frases e modos de saber, que poderão um dia libertar o homem e a mulher dos seus mundos.

Quando educadores e cientistas sociais escrevem a expressão “educação popular”, ela tende a aparecer, primeiro, como alguma modalidade agenciada e profissional de extensão dos serviços da escola a diferentes categorias de sujeitos dos setores populares da sociedade, ou a grupos sociais de outras etnias, existentes nela ou à sua margem, ou então, a educação popular como tipos de luta de políticos e intelectuais para que uma tal educação , seja produzida pelo povo.

De acordo com Brandão (2006), o trabalho pedagógico escolar dirigido aos povos originários, negros e brancos pobres foi restrito e provisório durante todo o período colonial. Com o tempo, um primeiro "sistema escolar" tomou no Brasil a forma usual da educação na sociedade colonizada: algumas missões com escolas para alguns grupos dos povos originários, algumas raras escolas de ordens religiosas dirigidas predominantemente a filhos e filhas de senhores da Coroa e homens ricos da cidade ou do campo. Uma rede espontânea de pequenas escolas de primeiras letras, exercidas por professores muitos deles pouco mais do que "alfabetizados". Mais tarde, raros centros de ensino profissionalizante, ao lado de conventos, mosteiros e seminários, durante muito tempo, os lugares únicos de uma educação escolarizada.

Fora do domínio da educação escolar, a trama das muitas situações e práticas comunitárias se difundiam. Pequenas oficinas de trabalho urbano, muitas delas formando confrarias ou irmandades religiosas constituíam, durante a prática do trabalho, o ensino de futuros artesãos e oficiais: futuros mestres que ensinariam outros aprendizes a serem ourives, seleiros, ferreiros, marceneiros, serralheiros, pedreiros, pintores ou músicos.

A aprendizagem dos ofícios manufatureiros era realizada, na colônia, segundo padrões predominantemente assistemáticos, consistindo no desempenho, por ajudantes/aprendizes, das tarefas integrantes do processo técnico de trabalho. Os ajudantes não necessariamente aprendizes, mesmo quando menores de idade. O fato de um outro aprender o ofício não era intencional nem necessário. [...] As corporações de ofício, ao contrário, programavam a aprendizagem sistemática de todos os ofícios embandeirados, estipulando que todos os menores ajudantes devessem ser, necessariamente, aprendizes, a menos que fossem escravos. Determinavam o número máximo de aprendizes por mestre, a duração da aprendizagem, os mecanismos de avaliação, os registros dos contratos de aprendizagem, a remuneração dos aprendizes e outras questões. (Cunha, 1978, p.33)

Longe das escolas, fora das oficinas, uma multidão de povos originários cativos, de negros escravos e de brancos livres e pobres aprendiam no ofício do trabalho o seu saber e, nos dá vida, os seus ensinamentos. Uma gente que produzia para o senhor toda a sua riqueza material, mas a quem os de lá chamavam: "sem eira nem beira", a quem não interessavam as regras e o saber da escola, e a quem durante muitos anos não interessava à escola atingir.

A educação popular advém dos movimentos civis e das lutas pela democratização do ensino brasileiro, o nome educação popular aparece quando se discute as relações entre o Estado, a sociedade civil e a educação das classes populares no país, de acordo com Brandão (2006). A escola pública, estendida por governos de estados e municípios às populações rurais e urbanas do país, durante muitos anos foi afastada do ensino escolar, sendo um dos resultados dessa primeira mobilização nacional pela educação universal. Iniciativas muito isoladas de criação de escolas gratuitas, desde o Império, foram sendo timidamente ampliadas nos primeiros anos da República.

A ausência de uma política educacional definida e o abandono da responsabilidade de promover a educação escolar de 1º grau nas províncias, nos estados, somaram-se à fatores sociais externos ao âmbito da educação. Os progressos foram lentos, cujos efeitos foram muito pequenos, seja sobre a melhoria dos índices de benefícios escolares às populações pobres, seja sobre uma modificação na qualidade da participação delas na vida nacional.

Ao iniciar-se o período republicano, a situação da instrução popular não era das mais alentadoras. Com uma população de 14 milhões de habitantes no último ano de Império, contávamos com uma frequência de apenas 250 000 alunos em nossas escolas primárias e o crescimento das escolas e matrículas se fazia muito lentamente. O progresso do ensino elementar na primeira metade da República Velha pode mesmo ser considerado insignificante; o Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908 anunciava um total de pouco mais de 11 mil escolas elementares com matrícula de quase 600 mil alunos e frequência inferior a 400 mil em todo o país. (Paiva, 1987, p. 84)

Segundo a Apresentação do Dossiê “Educação Popular: desafios e perspectivas” que faz parte da revista Trabalho, Política e Sociedade, busca agregar uma vasta experiência de

pesquisas que tem se desenvolvido ao longo de anos sobre a educação, de modo geral, e sobre a educação popular, de modo mais específico. Os temas abordados no dossiê falam da diversidade de temáticas acerca da educação popular, em diálogo com a educação do campo, em diversos territórios da América Latina.

Santos (2019), um dos membros que participou da elaboração do documento citado, traz no dossiê informações importantes sobre a formação destinada às classes populares. Durante séculos, a formação destinada às classes populares vinculou-se a um modelo “importado” de educação urbana. Os valores presentes no meio rural, quando comparados ao espaço urbano, eram tratados com descaso, subordinação e inferioridade. Num campo, estigmatizado e invisibilizado pela sociedade brasileira, multiplicam-se, cotidianamente, preconceitos e estereótipos. Havia também nessa conjuntura o entendimento de que a educação popular, na interface com a educação do campo, contribuiria para uma série de lutas e embates políticos. Esse foi o ponto de partida para inúmeras reflexões sociais, bem como também, foi o momento em que tais reflexões se materializaram em espaços culturalmente próprios, detentores de tradições, especificidades e costumes singulares. O presente dossiê é um documento importante para refletirmos sobre a educação popular. O referido autor também destaca que na sociedade desigual, o sistema formal de educação produz instruídos e excluídos, e se nutre de repetir como retórica da educação aquilo que nega como prática na escola.

A educação popular pretende não apenas um novo método de trabalho com o povo através da educação, mas toda uma nova educação que considere o trabalho do povo. Portanto, segundo Brandão (2006) este é o sentido em que a educação popular transforma todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular. O autor define a educação como um instrumento político de conscientização e politização, através da construção de um novo saber, ao invés de ser apenas um meio de transferência seletiva, a sujeitos e grupos populares, de um saber dominante de efeito ajustador à ordem vigente. Este é o sentido em que ela se propõe como uma ampla ação cultural para a liberdade a partir da prática pedagógica do momento de encontro entre educadores e educandos e educandos e educadores.

2.2 Educação de Jovens e Adultos

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos viveu um período de evolução estrutural e conceitual. Segundo a Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de diretrizes e bases da

educação nacional, no artigo 37, que discorre sobre a EJA, o artigo descreve que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. O primeiro parágrafo do artigo, diz que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. No segundo parágrafo, descreve que o Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. E no terceiro parágrafo, que a Educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Segundo o parecer 11 de 2000, a Educação de jovens e adultos possui três funções: reparadora, equalizadora e qualificadora. Dentre as quais, destacaremos a função reparadora, ou seja, o aluno da EJA tem garantia aos seus direitos civis, direito esse negado por um período histórico, no qual nem todos tinham acesso à educação. Os alunos da EJA têm direito ao ensino de qualidade, e também ao reconhecimento de igualdade que todo e qualquer ser humano tem o direito de ter. Na história brasileira, sendo a leitura e a escrita bens relevantes, quem não tem acesso ao mundo letrado, tem o prejuízo para o exercício de uma cidadania plena. Suas raízes são de ordem histórico-social. Ainda de acordo com o referido parecer, no Brasil, esta realidade resulta do caráter de submissão atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, povos originários, entre outros. Estes, eram impedidos de exercer a plena cidadania, e seus descendentes sofrem, ainda nos dias atuais, as consequências desta realidade histórica. Estes segmentos sociais, em especial negros e povos originários, não eram considerados como detentores do registro maior de uma sociedade moderna: a igualdade, que não admite qualquer forma de discriminação e de preconceito, com base em origem, raça, sexo, cor idade, religião e sangue, entre outros. Reparar esta realidade histórica, que faz parte da história da nossa sociedade e da vida de tantos indivíduos, é um dos fins da EJA, pois reconhece que o princípio de igualdade é para todos.

De acordo com Rummert (2021), a história da EJA traz em si um caminho de disputas e lutas, avanços e retrocessos, em que a exclusão e a não garantia plena e efetiva de um direito constitucional básico, manteve milhões de jovens e adultos trabalhadores à margem dentro do Estado Democrático de Direito. Esses indicadores advém dos altos níveis de analfabetismo entre os brasileiros desde o primeiro censo realizado em 1920, e a contínua queda nas matrículas na Educação Básica, que ocorreram no período da pandemia no Brasil.

Ainda de acordo com a autora, a pandemia da COVID-19, revelou desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira, tais como processos históricos de privação de bens, de recursos naturais, e de direitos da classe trabalhadora, que foi intensificado nos últimos anos com a crise capitalista. As desigualdades educacionais é um grave problemas que contribui para a piora das condições de trabalho, e da qualidade de vida da classe trabalhadora brasileira. A ausência de políticas efetivas que garantam o direito à educação é um problema histórico antigo do nosso país, e piorou com o evento da pandemia que colaborou para a falta de investimentos, para o fechamento de escolas, de creches, e para o aumento da evasão escolar em nosso país em todos os níveis de escolarização.

Em respeito as especificidades da EJA , a escola deve atender as individualidades do jovem adulto, que chega muitas vezes à escola sem estar alfabetizado. A escola recebe o aluno que vive em condições de subemprego ou desemprego, e que possui uma jornada de trabalho árdua e excessiva. Existe uma diversidade desses grupos sociais que deve ser levado em consideração, que são as características étnicas, de gênero, de moradia e de participação social e econômica no país.

O saber que o aluno da EJA chega à escola, é um saber construído pelas suas relações com o mundo, é um saber próprio, que foi construído através das relações sociais que estabeleceu em sua trajetória de vida, e dos seus mecanismos de sobrevivência. Os aspectos culturais do aluno trabalhador devem servir como base do que ele já traz pra escola como saber, e o que ele ainda não sabe, para que não haja desinteresse, e nem a evasão dos alunos na EJA.

A Educação de Jovens e Adultos deve contribuir para a construção da identidade de cada aluno. Portanto, os conteúdos pedagógicos e as práticas educativas devem impulsionar esses alunos, garantindo a participação dos mesmos no planejamento, execução e avaliação das atividades educativas.

Segundo Gadotti (2013), no artigo “Educação de Adultos como Direito Humano”, a educação é necessária para o ser humano. Em uma sociedade pautada no conhecimento, as pessoas precisam se apropriar da cultura, do que a humanidade já produziu ao longo do tempo. A Educação de Adultos é reconhecida pela Unesco como um direito humano, sendo à educação um direito universal, reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, desde a alfabetização, que é a base para a aprendizagem ao longo da vida.

Para que a Educação de Adultos seja uma educação comprometida com os direitos humanos, é imprescindível que conteúdos ministrados, materiais didáticos e que a metodologia aplicada em sala estejam em consonância com a realidade e diversidade dos

alunos, proporcionando aos alunos e alunas um ambiente favorável para o desenvolvimento da aprendizagem e sua permanência na escola.

Um fator que atinge a Educação de Adultos é a desigualdade, sobretudo no nosso país. Negros, brancos, povos originários, mestiços, homens, mulheres, jovens, adultos, idosos, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, agricultores, dentre tantos outros que compõem as periferias urbanas e dos campos. A diversidade pode ser considerada riqueza, mas a desigualdade social e econômica representa pobreza. A luta pelo direito à educação não está separada da luta pelos demais direitos. Não basta oferecer um programa de Educação de Adultos, sem oportunizar condições de aprendizagem, transporte, locais adequados para as aulas, materiais apropriados, convivência e também bolsas de estudo.

2.3 A experiência de alfabetização em Angicos

Em 1963, segunda metade do século XX, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, o educador Paulo Freire desenvolveu um projeto de leitura e escrita para jovens e adultos por meio de uma conscientização crítica de suas existências: social e política. A contribuição de Paulo Freire para educação brasileira iniciou-se com esse projeto. Freire levou para a cidade de Angicos seu método de alfabetização, no qual alfabetizou 300 trabalhadores rurais em 40 horas.

Segundo Lima, Júnior e Jaguaribe (2022), a aula inaugural do projeto de Paulo Freire aconteceu no dia 18 de janeiro. O método de alfabetização de jovens e adultos ocorreu em dois meses. O livro intitulado: “40 horas em Angicos” cita que tudo o que foi vivido pelos alunos na época foi considerado deslumbrante, pois era visto como inovador e sofisticado. Todos os recursos utilizados eram considerados modernos para o período. Na metodologia, eram utilizados recursos físicos e materiais como: equipamentos como projetor, uma novidade que nunca tinha sido visto por eles na cidade, e que despertava atenção dos alunos para os conteúdos ministrados. As aulas eram bastante participativas com professores fazendo perguntas geradoras, que não eram aleatórias. As perguntas buscavam uma reflexão sobre a realidade, costumes e modo de vida dos participantes.

O livro “40 horas de Angicos, Memórias dos alunos de Paulo Freire no RN”, retrata as memórias do vivido pelos alunos de Paulo Freire. Duas ex alunas, Maria do Ferreiro e Idália Marrocos, relembram que as aulas eram feitas em espaços improvisados, espalhados por diversos locais da cidade. Ela lembra que as aulas aconteciam em repartições públicas, e em residências, onde os moradores cediam o espaço. A sala de aula que ela frequentou ficava

na casa de um senhor chamado Chico Guilherme. Como não havia luz elétrica, as aulas aconteciam com o auxílio de lampiões e no período noturno, pois durante o dia todos os alunos trabalhavam.

Durante as primeiras aulas, as ex-alunas falaram que era ensinado primeiramente o alfabeto, as vogais, e a escrever o próprio nome. Havia uma leitura individual e outra coletiva das diversas famílias de letras para que os alunos começassem a compreender o mecanismo de formação das palavras. Aos poucos eram acrescentadas outras famílias de letras formando novas palavras geradoras. Dessa forma acontecia o aprendizado da leitura da escrita. A aluna de Paulo Freire diz que as aulas contribuíram para que ela soubesse ler e escrever, pois ela a partir disso pode sair pela cidade reconhecendo o nome das ruas e dos estabelecimentos sem se perder.

O livro também destaca o sucesso que o projeto teve na cidade de Angicos, e que a sua repercussão e êxito, estão diretamente ligadas às relações de afeto entre os educadores, Paulo Freire e sua equipe de monitores, e os educandos. O processo de alfabetização ocorreu através da troca de saberes.

O impacto da iniciativa levada por Freire para Angicos foi tão forte que, entusiasmada Dona Idália chega a explicar a grandiosidade do feito usando o adágio “a roda grande entrou na pequena”. A metáfora significa prevalência do menor sobre o maior, ou seja, a vontade da grande maioria dos analfabetos residentes da pequena Angicos de aprender a ler e a escrever. E mais que isso: a serem ativos na luta política em defesa de direitos básicos como acesso à terra, ainda em poder de uma pequena minoria abastada. A primeira turma do projeto reuniu 300 estudantes, moradores da zona urbana e rural de Angicos, que receberam seu certificado de alfabetizado em uma cerimônia realizada no dia 2 de abril de 1963. O momento foi de pompa e atraiu diversos governadores do Nordeste, o Presidente da República João Goulart (1919-1976) e, novamente o professor Paulo Freire. Em seu discurso, o educador pontuou a importância do papel desenvolvido por cada um – professores e estudantes - no processo de desenvolvimento da cidadania e da emancipação pela educação. (Lima, Júnior, Jaguaribe, 2022, p.38)

As ex-alunas de Paulo Freire afirmam que os ensinamentos deixados pelo professor foi um grande legado, como a aquisição da leitura, da escrita, poder exercer o direito de votar, além da motivação, e da transformação da vida de todos que participaram do projeto. Ela descreve que o que eles vivenciaram, contribuiu para muitos, que nem conheciam a letra “A” do alfabeto. A aluna diz que a forma como eram dadas as aulas, os faziam pensar em suas vidas, sobre o que faziam, sobre o que gostavam, e o porquê que estudar era importante. A ex-aluna diz que a pessoa sem estudo não arranja nada, somente o trabalho da enxada.

3 CAPÍTULO II

MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA E NARRATIVA

3.1 Memória

No livro de Walter Benjamin, *Obras Escolhidas II, Rua de mão única* (1987), percebe-se as memórias do autor descrito em vários trechos que intitulou suas memórias do vivido. Há uma passagem do livro em que Benjamin que diz assim:

Volte para casa! Está tudo perdoado! Como alguém que na barra fixa executa o giro gigante, nós próprios quando jovens giramos a roda da fortuna da qual então mais cedo ou mais tarde sai a sorte grande. Pois unicamente aquilo que com 15 anos sabíamos ou exercíamos constitui um dia nossas *atrativas*. E por isso uma coisa nunca pode ser reparada: ter deixado de fugir da casa de seus pais. De quarenta e oito horas de desabrigo nesses anos condena-se como numa barrela o cristal da felicidade da vida. (Benjamin, 1978, p.14)

Na passagem acima o autor narra uma memória da sua adolescência, e da história contada, retira uma sabedoria, ou um aconselhamento do presente.

Segundo Benjamin no livro: “O anjo da história”:

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugida. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento, [...] Porque é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela (Benjamin, 1940, p.11).

Unir o passado historicamente, não significa dizer exatamente como ele ocorreu. O que ocorre é uma recordação desse passado quando ele surge como um momento de perigo.

Segundo Benjamin (1940), o sujeito do conhecimento histórico é a classe lutadora e oprimida. Em Marx, ela aparece como classe subjugada, que irá levar até as últimas instâncias a libertação em prol de gerações de vencidos.

O materialismo histórico não pode prescindir de um conceito de presente que não é passagem, mas no qual o tempo se fixou e parou. Porque esse conceito é precisamente aquele que define o presente no qual ele escreve história para si. O historicismo propõe a imagem “eterna” do passado; o materialismo histórico fá-lo acompanhar de uma experiência que é única. Deixa aos outros o papel de se entregarem, no bordel do historicismo, à prostituta chamada “Era uma vez”. Ele permanece senhor de suas forças, suficientemente forte para destruir o contínuo da história (Benjamin, 1940, p.18).

Segundo Ricoeur (2014), em seu livro: “A memória, a história, o esquecimento”, a

fenomenologia da memória se estrutura em torno de duas perguntas: do que se lembra e de quem é a memória.

Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana. Privilegiou-se nessa herança a indagação colocada sobre o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. Essa abordagem objetual levanta um problema específico no plano da memória. Não seria ela fundamentalmente reflexiva como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal: lembrar-se de alguma coisa é de imediato lembrar-se de si? Entretanto insistimos em colocar a pergunta o que? Antes da pergunta quem? A despeito da tradição filosófica cuja tendência foi fazer prevalecer o lado egológico da experiência mnemônica. (Ricoeur, 2014, p.23)

De acordo com o autor, se dissermos que o sujeito da memória é o “eu” na primeira pessoa do singular, estaremos descartando memórias coletivas, e no que se refere as questões egológicas, independente do que o ego possa significar, primeiramente existe uma intenção que é imperativa. A memória sem considerar seu destino no transcorrer da história, da relação com o passado, pode levar a caminho longínquos as lembranças, e em consequência a formação da memória. Lembrar é ter uma lembrança, ou ir em busca dela.

Ao submeter-se a primazia da pergunta que a fenomenologia da memória visse confrontada desde o início com a terrível apuraria que a linguagem comum a presença na qual parece consistir na representação do passado aparenta ser mesmo a de uma imagem. dizemos indistintamente que nos representamos um acontecimento passado ou que temos dele uma imagem que pode ser quase visual ou auditiva. saindo da linguagem comum uma longa tradição filosófica que combina de uma maneira surpreendente a influência do imperialismo de língua inglesa e o grande racionalismo de criação cartesiana faz da memória uma província da imaginação (Ricoeur, 2014, p.25).

Assim ainda de acordo com o autor Paulo Ricoeur, a memória reduzida a rememoração aguarda pelo que irá advir da imaginação.

3.2 Experiência

De acordo com Benjamin em seu livro: “O anjo da história”, a experiência era uma cultura pela qual o conhecimento era transmitido das pessoas mais velhas para as mais novas. Dessa forma, os conhecimentos acumulados ao longo do tempo, eram repassados com a autoridade da idade, através de provérbios, em termos prolixos, e até através de histórias de países distantes. Eram passados de filhos pra netos. A pergunta que o autor se questiona, é aonde que se encontram ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser.

Segundo Benjamin (1940), a experiência vivida pela geração entre os anos de 1914 à 1918, período em ocorreu a primeira guerra mundial, foi uma das experiências mais terríveis da história universal, pois os homens que voltavam da guerra, retornavam empobrecidos de

experiências para compartilhar. Eles voltavam mudos dos campos de batalha. Uma geração que de repente viu-se num descampado, numa paisagem em que nada se manteve inalterado. Em um campo de forças de correntes e explosões destruidoras, um corpo humano minúsculo frágil.

Este gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de indigência totalmente nova. E o reverso dessa indigência é a angustiante riqueza de ideias que se difundiu – melhor, se abateu- sobre as pessoas, com o regresso da astrologia e da ioga da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritismo. O que nisso se mostra, não é, de facto, um autêntico Renascimento, mas uma galvanização. Somos levados a pensar nos grandes quadros de Ensor nos quais um espectro enche as ruas das grandes cidades: pequeno-burgueses em trajes carnavalescos, máscaras enfarinhadas e grotescas, coroas de pailletes na cabeça, derramam-se num cortejo sem fim pelas ruas. Estes quadros são talvez, acima de tudo, um reflexo do terrível e caótico renascimento em que tantos depositaram as suas esperanças. Aqui se mostra, da forma mais evidente, como a nossa pobreza de experiência é apenas uma parte da grande pobreza que ganhou um novo rosto- com a nitidez e o recorte exacto do mendigo medieval (Benjamin, 1940, p.74).

Benjamin destaca no texto: “Experiência e Indigência” a relação da cultura com a experiência. Há de existir algo que as ligue, senão o que ocorre é a pobreza da experiência. Esta, não se manifesta apenas na vida particular, mas em toda humanidade. É uma espécie da nova barbárie. Um caminho onde essa nova pobreza leva o bárbaro a começar tudo novamente, a voltar ao princípio, a viver com pouco, a construir algo com esse mínimo, sem questionar. Há um fluxo contínuo, uma direção única em que não se olha para os lados.

Pobreza da experiência: a expressão não significa que as pessoas sintam nostalgia de uma nova experiência. Não, o que elas anseiam a libertar-se das experiências, anseiam por um mundo em que possam afirmar de forma tão pura e clara a sua pobreza, a exterior e também a interior, que daí nasce alguma coisa que se veja. E também não são sempre ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes é o contrário que se verifica: tiveram de engolir tudo isso a “cultura” e o “Homem” e ficaram saturadas e cansadas (Benjamin, 1940, p.77).

De acordo com Benjamin, a finalidade da vida aparece apenas como um ponto de fuga, numa perspectiva de infinitas possibilidades, a existência, a cada dia mais autossuficiente, demonstra o empobrecimento do patrimônio da humanidade, o seu empobrecimento, onde o verbo “preservar” se aplica a uma minoria de poderosos.

O autor Jorge Larossa Bondía, no artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, propõe pensar a educação a partir do par experiência e sentido. O autor sugere dar significado para estas duas palavras em contextos diferentes. As palavras produzem significados e sentidos, criam realidades, e são mecanismos de subjetividade. As palavras possuem força e poder, fazendo com que possamos através delas estabelecer relações

com elas mesmas. As palavras determinam o nosso jeito de pensar, pois pensamos com palavras. Pensar não é somente raciocínio, e sim dar sentido ao que somos, e ao que acontece em nossas vidas.

Através das palavras que nos colocamos com nós mesmos, com outro, e com o mundo que vivemos.

Nomear o que fazemos em educação ou em qualquer outro lugar como técnica aplicada como prática reflexiva ou como experiência adotada de sentido não é somente uma questão terminológica as palavras com que nomeamos o que somos o que fazemos o que pensamos o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras e por isso as lutas pelas palavras pelo significado e pelo controle das palavras pela imposição de certas palavras e pelo silêncio ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras algo mais que somente palavras (Larrosa, 2002, p.21).

Larossa (2002) descreve que experiência é o que acontece conosco, o que se passa com agente, é o que nos toca, porém muitas coisas passam durante o nosso dia, e quase nada nos acontece. Ele diz que tudo que se passa está organizado para que não nos aconteça nada. O autor destaca que um dos motivos é o excesso de informação, pois a informação não é experiência, a informação não dá espaço para experiência, ela é praticamente o contrário da experiência. Portanto, o mundo contemporâneo pautado em estar informado, prejudica as nossas possibilidades de experiência.

Em um segundo momento, o autor destaca que a experiência está cada vez mais rara por um excesso de opinião. O homem moderno é um sujeito informado e que opina. É uma pessoa com opinião pessoal e própria, sendo crítico a respeito daquilo que ele tem de informação. A opinião se torna um imperativo pessoal da informação. Portanto, a opinião também anula nossas possibilidades de experiência.

Benjamin dizia que o Periodismo é o grande dispositivo moderno para destruição generalizada da experiência o Periodismo destrói a experiência sobre isso não há dúvida e o Periodismo não é outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião.) periodismo é fabricação da informação e fabricação da opinião e quando a informação e opinião se sacralizam quando ocupam todo espaço acontecer Então sujeito individual na outra coisa que o suporte informado da opinião individual e o sujeito coletivo esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública quer dizer um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião um sujeito incapaz de experiência (Larossa, 2002,p.22).

Outro aspecto sobre experiência que o autor destaca é que ela está cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo passa muito depressa, e as coisas vão sendo reduzidas cada vez mais à estímulos fugazes. Esses estímulos são substituídos por outros estímulos, que aparecem novamente de forma fugaz, efêmera, fragmentada e instantânea. Acontecem as coisas, a novidade, o novo caracteriza o mundo moderno: o sujeito do estímulo da vivência de coisas

pontuais, inserido em uma agitação, onde tudo lhe choca mais nada lhe acontece. Portanto, esse ritmo veloz traz a falta de silêncio, de memória, e de experiência.

O autor também destaca, a experiência sendo cada vez mais rara pelo excesso de trabalho. O autor revela que a experiência não tem nada a ver com trabalho. Ele diz que o trabalho é uma modalidade de relação com as pessoas, com as palavras, e com as coisas. e que o trabalho também é um inimigo mortal da experiência. Ele afirma que o sujeito moderno, além de ser informado, além de opinar, e de estar agitado, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto mundo “natural”, quanto o mundo “social”, “humano”, segundo o seu saber, seu poder, e sua vontade.

Portanto, a experiência é a possibilidade de algo acontecer conosco, algo que nos toque, que requer um gesto de interrupção quase impossível em um mundo corrido, em que não há pausas para pensar, olhar, escutar, e sentir, com menos pressa, e mais calma.

3.3 Narrativa

De acordo com Benjamin (1936), a experiência da arte de narrar está em extinção. Para ele, cada vez mais são raras as pessoas que sabem narrar os fatos ocorridos. Quando se está em um grupo em que alguém narra alguma coisa, há uma dificuldade generalizada de narrar. É como se houvesse uma privação daquilo que nos parecia seguro e inalienável, que era narrar as nossas experiências. Benjamin relata que uma das causas desse fenômeno são as ações das experiências que estão em baixa, e tudo indica que continuam caindo, até que seu valor desapareça de todo. Segundo ele, ao olharmos um jornal, percebemos que o seu nível está mais baixo do que nunca, e que da noite para o dia a imagem do mundo exterior e do mundo ético, sofreram transformações que antes não imaginávamos que fossem possíveis.

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres experiência comunicável. E o que se difundiu 10 anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (Benjamin, 1936, p.198).

Segundo Benjamin (1936), a experiência que passa de uma pessoa para outra é a fonte em que o narrador irá recorrer para descrever as suas experiências, e entre as narrativas

escritas, as melhores são as que menos distingue as histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Benjamin cita dois tipos de grupos de narradores: aqueles que saíram pra fora do país e trazem uma imensidão de experiências vividas, e outros que nem do próprio país saíram, e que narram suas histórias locais, suas tradições e seus costumes. A figura do narrador, só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos: quem viaja tem muito que contar, mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida, sem sair do seu país, e que conhece suas histórias e tradições. próprias.

A extensão real do reino narrativo em todo seu alcance histórico só pode ser compreendido se levamos em conta interpretação desses dois tipos arcaicos o sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa inter penetração o mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou nos estrangeiros os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar foram os os artificios que a aperfeiçoaram no sistema corporativo associa saber das terras distantes trazidos para casa pelos migrantes como saber do passado recolhido pelo trabalhador sedentário (Benjamin, 1936, p.199).

Ainda de acordo com Benjamin (1936), o primeiro indício de evolução, que vai culminar na morte da narrativa, é o surgimento do romance. No início do período moderno, o que separa o romance da narrativa, é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O romance se distingue da narrativa porque na narrativa, o narrador retira da experiência o que ele conta, que é a sua própria experiência ou a experiência relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Já no romance, há a segregação. O romancista é um indivíduo isolado, que não pode mais falar sobre suas percepções mais relevantes, e que não recebe conselhos nem oferece os mesmos.

Segundo Benjamin, os narradores gostam de começar a sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar, ou preferem atribuir à história, experiências autobiográficas. Assim, o narrador pode recorrer ao acervo de toda uma vida, que não inclui apenas a própria existência, mas em grande parte, a experiência de assimilar a substância mais íntima: aquilo que sabe por ouvir dizer.

4 CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Consolona Praia

Vamos, não chores... A infância está perdida.

A mocidade está perdida. Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.

O segundo amor passou.

*O terceiro amor
passou.*

Mas o coração continua...

Carlos Drummond de Andrade

Poema publicado no livro A rosa do povo, em 1945.

Quando falamos em método em pesquisa significa que expressaremos a escolha de procedimentos em que os fenômenos serão descritos e explicados. Esses procedimentos se baseiam em métodos científicos, que são como manuais que guiam a pesquisa científica, delimitando um problema, realizando observações, e interpretando-as com base nas relações encontradas. O trabalho do pesquisador, ao realizar a pesquisa, deve ser planejado e executado de acordo com cada método de investigação. Assim, faz-se necessário adequar o método ao tipo de estudo que será realizado, estando a natureza do problema, ou seu nível de aprofundamento, como fatores determinantes da escolha do método a ser seguido.

O **problema desta pesquisa** é: quais são as narrativas das memórias do vivido da pesquisadora sobre a relevância da experiência de educandos e educandas que viveram a experiência do método de alfabetização de adultos, da primeira turma de Paulo Freire em Angicos-RN?

Diante disso, o **objetivo geral** é compreender, através da análise das narrativas das memórias do vivido da pesquisadora, a relevância da experiência dos educandos e das educandas que viveram a experiência do método de alfabetização de adultos, da primeira turma de Paulo Freire em Angicos- RN.

Os **objetivos específicos** são:

1. Verificar e analisar quais elementos constituíram as narrativas das memórias do vivido da pesquisadora;
2. Identificar e analisar as narrativas das memórias do vivido da pesquisadora na relação com as experiências contadas pelos educandos e educandas que comporam a primeira turma de alfabetização de adultos de Paulo Freire, em Angicos, RN.

A pesquisa a que esta dissertação se debruçou teve natureza qualitativa. A investigação qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais. Para muitos pesquisadores, as convicções subjetivas das pessoas tem primazia explicativas sobre o conhecimento teórico do investigador.

No que diz respeito à procedimentos metodológicos, trabalhamos com o diário de pesquisa (que será conceituado mais adiante), produzido pela pesquisadora na qual relata a experiência vivida em uma viagem técnica realizada em Angicos no ano de 2025, na qual narrou o contato tido com dois alunos e duas alunas da primeira turma do método de alfabetização de adultos de Paulo Freire em Angicos–RN.

Para analisar os registros do diário de pesquisa, a pesquisadora trabalhou com o Paradigma Indiciário, cujo objetivo é observar o que se diz, identificando sinais não evidentes do que é contado, considerando o contexto de narração.

O Paradigma Indiciário surge por volta do final do século XIX, de maneira silenciosa, no âmbito das Ciências Humanas, como um modelo epistemológico, que pode ser chamado de Paradigma por quem assim preferir. A partir da publicação de uma série de artigos de pintura italiana, que vinham assinados por um desconhecido esudioso russo, que surgiram propostas de um novo método para a atribuição de quadros antigos que suscitou entre os historiadores reações contrastantes e conflituosas. Ginzburg (1989), cita Giovanni Morelli, mostra que muitos elementos artísticos da época estavam cheios de quadros atribuídos de significados de maneira incorreta. Da acordo com o autor, muitas vezes as obras não apresentam assinaturas, são repintadas, ou estão em mal estado de conservação. Segundo ele, era indispensável disinguir os originais das cópias, que era preciso não se basear, como normalmente se fazem em características mais vistosas, e sim, examinar os pormenores mais negligenciáveis.

No que se refere ao Paradigma Indiciário, pode-se encontrar múltiplos sentidos naquilo que é narrado, ou no que não é dito. Toda essa multiplicidade de sentidos deve ser registrada e

analisada. Durante uma conversa, há elementos que não ficam tão evidenciados, mas que podem ser percebidos em sons, imagens e ideias que devem constar do corpo da pesquisa para consubstanciar a análise dos dados colhidos.

Ao tentar delimitar a origem do Paradigma Indiciário na obra “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”, o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) discorre sobre artigos que analisavam pinturas italianas que pretendiam apresentar um método diferente para se confirmar a autoria das obras expostas em museus, na segunda metade do século XIX. Segundo Ginzburg (1989), esse método foi proposto por dois estudiosos, Ivan Lermolieff e Johannes Schwarze. Ainda segundo Ginzburg (1989), posteriormente revelou-se que ambos estudiosos eram, na realidade, uma só pessoa, Giovanni Morelli, que se escondia sob os pseudônimos. O método de verificação consistia em analisar de forma detalhada a obra de arte de forma, não para verificar características mais vistosas e mais facilmente imitáveis, mas verificando minúcias normalmente menos observadas e mais negligenciáveis, como características específicas das orelhas ou dos dedos.

Ferreira (2014) explica o Paradigma Indiciário como uma forma de observar a pesquisa por meio de uma perspectiva fundada na concepção de que os produtos obtidos de uma conversa com pessoas são frutos das atividades dessas pessoas e, em razão disso, são dinâmicos e podem exprimir sentidos diversos, o que pode ocasionar múltiplas interpretações. Nesse sentido, é necessário tomarem-se os dados para além do que foi dito, sendo necessário ultrapassar o óbvio e analisar aquilo que não foi dito, os gestos, movimentos, silêncios e sentimentos.

Logo, há que se tomarem todos os indícios, detalhes e nuances, evidentes ou que são apenas sugeridos na conversa, como dados para a pesquisa. Todos esses dados devem constar na narrativa da própria pesquisadora e embasar uma análise detida para que se possa chegar às considerações finais da pesquisa.

Abaurre *et al.* (2012) chama atenção para o caráter pedagógico dos procedimentos investigativos a serem adotados no cenário de utilização do Paradigma Indiciário, ou seja, o pesquisador precisa guiar-se por um método instrutivo na busca pelos indícios relevantes à pesquisa. Dessa forma, os indícios verificados orientarão a compreensão dos dados produzidos na investigação. Ainda de acordo com Abaurre *et al.* (2012), esse procedimento precisa atentar-se para o modo de identificação dos dados, já que nem todos os dados produzidos são relevantes para o tema que se estuda. Além disso, será analisado os dados produzidos com o devido rigor metodológico que uma pesquisa científica requer.

No Paradigma Indiciário, conforme Aguiar e Ferreira (2021) é necessário investigar

aquilo que foge à regra, verificando as singularidades e as particularidades individuais para que se possa interpretar de forma mais rica aquilo que foi abordado.

Aguiar e Ferreira (2021) também direcionam que é inarredável a relevância de trabalhar-se com a noção ampliada de indício, considerando que eles são trazidos de forma narrativa e, diante disso, é necessário que o pesquisador exercite um movimento de distância e estranhamento, no sentido de sempre buscar características para além da obviedade.

O Paradigma Indiciário consiste em uma interpretação de dados diante de vestígios, indícios, sinais, valorizando singularidades e especificidades, sem perder de vista o rigor metodológico que deve mostrar o caminho rumo à conclusão da pesquisa científica. Logo, é preciso interpretar de forma interdisciplinar todas as situações envolvidas e estudar minuciosamente todos os dados coletados em pesquisa.

Em princípio podemos afirmar que as investigações que se voltam para a análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. A abordagem de um problema, além de ser uma opção do investigador, é sobretudo, uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.

Dentro desta perspectiva, pesquisar memórias de pesquisa sobre narrativas de educandos e educandas da primeira turma de educação de jovens e adultos de Paulo Freire em Angicos, Rio Grande do Norte, é trazer para o tempo presente narrativas de uma experiência vivida no passado. É um resgate de registros afetivos, sociais, que fizeram parte da história de vida da pesquisadora, na relação com as histórias vividas por duas mulheres e dois homens, que dialogaram com a investigadora sobre as suas memórias.

O critério de seleção dos registros do diário de pesquisa no qual contém as narrativas da pesquisadora nos quais ela relata a experiência vivida com esses homens e mulheres se deu a partir da seguinte explicação: em visita a página do instagram da UFERSA (Universidade Federal do Semi Árido) vi que em abril de 2023, ocorreu um evento em homenagem aos 60 anos das experiências em Angicos, reunindo em Mossoró, Rio Grande do Norte, alguns alunos que formaram a primeira turma do método de alfabetização de Paulo Freire. A UFERSA possui dois pólos, um localizado em Angicos, e o outro localizado em um município próximo chamado Mossoró. No site da universidade consegui localizar os

organizadores do evento, e seus respectivos e-mails e telefones. Mandeí mensagem para todos, e obtive a respostado jornalista Passos Júnior, um dos organizadores do evento, funcionário da UFERSA do pólo Mossoró, e escritor, junto com mais dois amigos jornalistas do livro: “40 horas de Angicos: Memórias dos alunos de Paulo Freire no RN, que teve lançamento no dia do evento. Trocamos telefone, conversei com ele sobre a minha pesquisa, e Passos Júnior enviou por Sedex para mim o livro. Ele se disponibilizou em me receber na UFERSA, e também em me auxiliar no contato com os alunos que se encontram vivos.

Na viagem técnica, a pesquisadora buscou conhecer a história de vida desses homens e mulheres: idade atual, cidade onde nasceram, o que gostavam de fazer quando era mais novos, como por exemplo uma brincadeira, destacar um fato marcante em suas vidas quando era mais novos, como e quando se deu o seus primeiros contato com a escola, qual foi o grande diferencial em suas vida após terem vivido o método de alfabetização de Paulo Freire em 40 horas, quais são as maiores lembranças dessa época, quais foram os impactos na vida familiar, social e afetiva após terem vivenciado essas experiências, o que mudou na vida de cada um após essa vivência, se estudam atualmente; se tem alguma leitura preferida; qual o lazer que mais gostam; o que a palavra sonho representa para cada um deles; e se Paulo Freire estivesse diante deles em algum momento, o que eles gostariam de dizer para ele.

Ao regressar da viagem, a pesquisadora apesar de ter escutado histórias que se remeteram a todos esses elementos citados acima, ela se atentou apenas para o objetivo geral e os objetivos específicos dessa investigação para analisar como dado. A identidade das pessoas com quem a pesquisadora conversou foi preservada, e nos registros expostos no capítulo seguinte se encontram apenas letras como forma de diferenciar a fala de uma pessoa da outra.

Segundo Pezzato (2024), no artigo: “O que pode um diário? Um olhar para a literatura acadêmica”, os diários podem ser encontrados em livrarias, e fazem parte de um gênero literário bastante difundido. Podem estar vinculados a produção de conhecimentos, a pesquisa a formação, a elaboração de histórias, como para o registro de experiências vividas, sejam na escola, no trabalho, ou na vida pessoal.

A autora data o início da prática do diário como instrumento de registro, o início do século XX, computando informações na pesquisa científica, embora sua existência como escrita de acontecimentos, tenha sido feita por sujeitos sociais antes do uso científico, como os “hypomnematas”, que representam um dos dos primeiros indícios descrito em diário que se tem registrado na Grécia Antiga. Uma caderneta na qual eram anotadas as memórias do cotidiano para não serem esquecidas, e que podiam ser consultadas posteriormente, servindo

como guia ético. Por volta do século X, surgiram diários tanto na Europa, quanto no Japão, mas seu uso ainda era restrito, sendo utilizado apenas para membros das elites alfabetizadas que possuíam acesso a papel e tinta. Com a expansão da escrita e de recursos técnicos, textos com depoimentos de caráter pessoal se ampliaram.

Ainda segundo a autora, desde os séculos XVII e XVIII, diários, memórias e testemunhos, constituíram procedimentos comuns com características de uma escrita pessoal, porém sem uma consciência do privado. Até o início do século XIX, os diários de viagens eram em sua maioria feitos por homens, e serviu como fonte histórica da época da colonização, e da exploração do novo mundo. Traziam a descrição da flora, da fauna, da vida cotidiana, de hábitos, e saberes dos outros povos e da sua cultura. Assim, os diários de viagens nos mares do Atlântico Sul, eram escritos por cartógrafos e geógrafos, que transformavam o discurso científico europeu no que se refere aos conhecimentos da geografia e dos registros históricos dessas viagens. Na era romântica, por volta de 1800, surge uma infinidade de diários, cadernos de viagens, escritos autobiográficos, e memórias publicados posteriormente, bem como o jornal “Intime”, com era denominado o diário das jovens da elite francesa, destacando uma feminilização da escrita de diários íntimos.

De acordo com Pezzato (2024), registros em diários é uma prática comum ligada a diferentes campos do conhecimento, abordagens metodológicas, e teóricas, principalmente nas pesquisas qualitativas. A autora afirma que os diários marcam uma presença significativa em cursos da área de saúde, na formação de professores, especialmente em disciplinas que envolvem o trabalho de campo e estágio supervisionado. Os trabalhos partilham experiências vividas nesses campos de trabalho, e contribuem com a produção do conhecimento científico em educação, bem como, para uma epistemologia de formação, centrada na partilha de narrativas pedagógicas e autobiográficas por meio dos diários.

Segundo Almeida e Andrade (2018), no artigo “Diários reflexivos: um instrumento relevante no processo de transformação e desenvolvimento profissional do docente”, as autoras falam da contribuição dos diários reflexivos no processo de reflexão da formação de professores em sua prática docente. O artigo fala que o professor reflexivo é o professor que constrói e reconstrói o conhecimento sobre a sua prática a partir de questionamentos, e estes fazem parte da sua prática docente, visando a mudança e a melhoria, buscando novos caminhos e soluções para sua prática.

A reflexão do trabalho docente registrado em diários reflexivos contribui para o desenvolvimento do trabalho do professor que refletiu e fez o registro, como também para o docente a partir da leitura do diário, pois este passou a refletir sobre a sua prática. Dessa

forma, segundo as autoras, os diários são formas concretas de reflexão crítica dos professores em sua formação continuada. Essa reflexão crítica ocorre quando por meio da autocrítica, o professor transforma a própria prática, e para que essa transformação ocorra, ele deve ter consciência da sua prática docente, que pode ser apreendida ao produzir os diários reflexivos.

Segundo Bragança, Faria e Pezzato (2023), no artigo: “Refletindo sobre Possibilidades de *Pesquisa* formação no Curso de Pedagogia: Diários e Narrativas Pedagógicas.” No artigo, as autoras destacaram a formação de professores de um curso de Pedagogia de uma universidade pública paulista. Estudantes em formação inicial, foram convidados para escrita de diários e narrativas pedagógicas como forma de registrar os conhecimentos produzidos no cotidiano da prática docente.

De acordo com as autoras, os diários eram registrados de forma livre, e quanto a sua periodicidade da escrita eram feitos em forma de poemas, imagens, e por múltiplas linguagens, pois o diário é uma fonte de narrativa que está aberta, nas quais os estudantes escrevem as suas narrativas. O trabalho com diários de pesquisa é colocado em funcionamento nos momentos de registro de narrativas do vivido, com a produção escrita que produz efeitos heterogêneos para quem escreve, e para quem lê os diários. Ao ler o que foi escrito, o narrador fica diante daquilo que ainda não tinha se dado conta, pensado e sentido o vivido. Uma escrita que fala daquilo que nos acontece cria oportunidades para organizar nossas ideias e nossas percepções diante da narrativa de nossas experiências vividas. Ainda segundo as autoras, a produção coletiva de diários dos estudantes do curso de Pedagogia, constitui um lugar em que as memórias das professoras foram escritas e armazenadas, protegidas do esquecimento, para compor a narrativa das vivências pedagógicas com os estudantes.

Segundo Pezzato, Botazzo e L’Abbate (2013), no artigo “O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica”, os autores buscaram experienciar as possibilidades do atendimento clínico de forma ampliada em saúde bucal, na Atenção Primária, oferecida pelo SUS, Sistema Único de Saúde. Ainda segundo os autores, para a avaliação da pesquisa multicêntrica, foi proposta uma abordagem metodológica qualitativa, com a produção de diários de campo, que poderiam ser produzidos de várias maneiras e de acordo com os pesquisadores. Todas as informações registradas serviram para a elaboração de relatórios e auxiliar na análise do que foi proposto. O uso do diário permitiu o registro dos eventos, situações do cotidiano, sentimentos, percepções e a reflexão da prática, pois através do registro de suas atividades o sujeito organiza as suas ideias trazendo suas memórias das coisas lidas, ouvidas e pensadas.

Mapa do Brasil



Figura 1: Mapa do Brasil de forma ilustrada, mostrando a localização de Angicos, no Rio Grande do Norte.

Fonte: Elaboração própria.

O mapa do Brasil, ilustrado acima, destaca a localização da cidade de Angicos, que fica no estado do Rio Grande do Norte, na região Nordeste do Brasil. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e de acordo com o Censo de 2022, a população atual de Angicos é de 11.632 habitantes. A cidade de Angicos faz parte do sertão brasileiro com clima quente e pouca chuva durante todo o ano. A cidade é toda asfaltada, com moradias simples feitas em alvenaria.

5 CAPÍTULO IV

MEMÓRIAS DO VIVIDO E O DIÁRIO DE PESQUISA

O presente diário de pesquisa², exposto a seguir, possui as memórias vividas pela pesquisadora, intercalados com os registros das narrativas de dois homens e duas mulheres: sendo a Narrativa I contada a partir da participante M, a Narrativa II contada a partir da participante L, a Narrativa III a partir do participante C e a Narrativa IV a partir do participante P.

Lampejos de 2023 , PPGA/ Universidade Federa Rural do Rio de Janeiro

Quando surgiu a ideia de pesquisar a primeira turma de Educação de Jovens e Adultos que Paulo Freire alfabetizou em 40 horas em 1963, imaginei como poderia realizar essa pesquisa, indo para o interior do nordeste brasileiro sem conhecer ninguém na cidade onde iria realizar a minha pesquisa. Foi então que um dia, não me recordo a data, abri o celular, entrei no Google, e escrevi: “primeira turma de alfabetização de Paulo Freire”, cliquei em pesquisar, e o resultado veio através de vários itens que corriam sobre o assunto. Cliquei em dois ou três endereços eletrônicos, até que apareceu uma página do Instagram escrito UFERSA, e ao clicar, fui direcionada para uma foto que dizia: “Evento em comemoração aos 60 anos de Angicos”. Bom, nem sabia o que significava UFERSA, foi então que descobri que era Universidade Federal Rural do Semi Árido. Não sabia que existia uma Universidade Federal Rural em outro estado, para mim só existia a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Naquele momento, descobri, além disso, a cidade onde ocorrera a alfabetização da primeira turma de EJA de Paulo Freire, que foi em Angicos, e que a UFERSA ficava localizada nessa cidade. Ali se iniciou a minha busca em direção à pesquisa, pensei como eu poderia entrar em contato com alguém da universidade que pudesse me ajudar. Retornei a foto do evento no Instagram que homenageava os 60 anos da experiência de Paulo Freire em Angicos. Pensei: “eu preciso encontrar a ficha técnica das pessoas que estão envolvidas nesse trabalho.” Encontrei, e foi quando tudo começou. Eu mandei um e-mail para todas as pessoas que estavam envolvidas no evento, e apenas uma delas me respondeu.

Lampejos de 2023, Sampaio, RJ.

Passos Júnior, acredito que ele tenha sido uma das pessoas de grande importância nessa pesquisa, pois foi através dele, uma pessoa que eu não conhecia, que não tinha tido

² A viagem realizada até Angicos foi através de recursos próprios.

nenhum tipo de contato pessoal, e que me ajudou de uma maneira inexplicável, abrindo caminhos, me colocando em contatos com professores da UFERSA. Dentre todos os e-mails ele foi único que me respondeu. Consegui estabelecer contato com Passos, que me disponibilizou seu telefone e passamos a nos falar pelo WhatsApp. Passos foi muito importante para a realização da minha pesquisa. Em uma de nossas conversas ele falou: “olha professora eu posso te ajudar, sim. Diga-me quando pretende realizar sua pesquisa, vou entrar em contato com a UFERSA, porque aqui existem dois pólos, Mossoró e Angicos, e eu trabalho na unidade de Mossoró. Vou entrar em contato com os professores de Angicos para te auxiliarem quando você for fazer a viagem.” Agradei, e falei que gostaria de um exemplar do livro lançado no evento coordenado por ele, que é jornalista, e que reunia várias narrativas de educandos e educandas da primeira turma de alfabetização em EJA de Paulo Freire. Ele me mandou o livro por Sedex. Quando chegou em minha casa a encomenda e eu abri, não acreditei que estava tocando em um livro que tinha vindo de tão longe, e que trazia memórias e narrativas que para mim ainda faziam parte de um grande sonho, o dia em que eu pudesse ver alunos os ex-alunos de Paulo Freire de perto. Quando levei na Rural, em um dia de aula o livro “rodou a sala toda”, levei para outros lugares e acabei perdendo o livro. Aí entrei em contato com Passos Junior para encomendar outro, porém como havia esgotado, pedi a Deus que conseguisse comprar um novo exemplar quando realizasse a viagem.

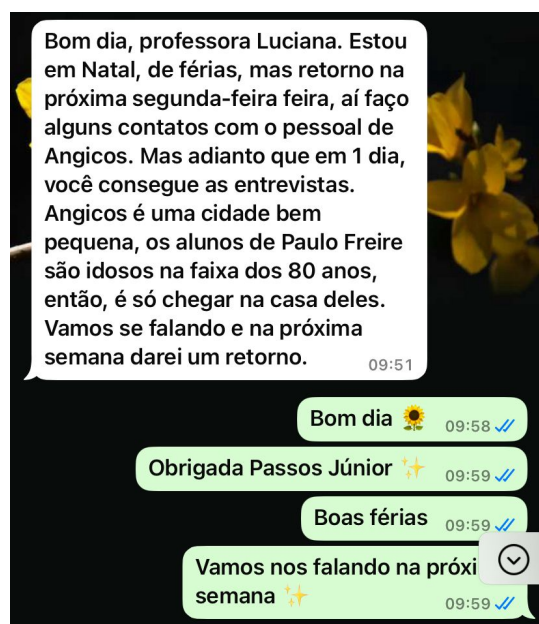


Figura 2: Print da conversa com Passos Júnior e a expectativa criada em conseguir realizar a pesquisa.

Fonte: Acervo da autora, 2023.

Lampejos de 2025, Sampaio, RJ.

Um sentimento muito bom de querer realizar minha pesquisa na minha sonhada Angicos, ver os educandos de pertinho, mas, ao mesmo tempo ficar longe do meu filho Bento, de quatro anos foi difícil. Mas foi esse amor pelo meu filho que me impulsionou ainda mais a realizar esse sonho. Pensei: “Um dia meu filho vai ler meu trabalho e saber que a mãe dele foi uma mulher muito corajosa. Que não sentiu medo de sair sozinha do Rio de Janeiro, e encarar as possíveis adversidades que poderiam surgir estando longe de casa, longe da minha família.” Uma sensação de estar desprotegida rondou a minha cabeça por dias e dias. Senti medo e chorei sozinha sem ninguém ver. Não queria que soubessem que por trás de uma mulher corajosa, ainda existia uma menina frágil e esquecida por alguns. Sei que essa pesquisa sendo realizada, e tendo meus objetivos alcançados, seria motivo de muito orgulho do meu filho um dia. Imagina o Bento saber que a mãe dele conheceu os alunos da primeira turma de EJA de Paulo Freire ?, o maior educador brasileiro de toda a história. Reunimos a família. Meu irmão levou uma entrada da Parmê³ maravilhosa para comermos todos juntos e comemorarmos a minha viagem que seria no dia seguinte.



Figura 3: Na foto estou com minha família em minha casa. Meu filho Bento, meu irmão André e minha mãe Izabel. Estamos comendo um lanche delicioso que meu irmão levou da Parmê.
Fonte: Acervo da autora, 2025

Lampejos de 2025, Ilha do Governador, RJ.

A programação era minha mãe me levar ao aeroporto junto com meu filho, mas infelizmente os dois carros “pifaram”, o meu e o dela, e aí eu tive que ir sozinha por meio de

³ Parmê é um restaurante na cidade do Rio de Janeiro.

um carro de aplicativo, por volta das 10h30min da manhã para não me atrasar, fazer o *check-in*, despachar as malas, e ir para o portão de embarque com tranquilidade. Cheguei rápido ao aeroporto, despachei as malas, e fui para o portão 28, que era o portão de embarque do meu voo, porém, a aeronave teve um problema técnico, e ela teve que ser substituída por outra. Essa troca levou em torno de 1h30min. Entrei no avião, e coincidentemente sentei ao lado de uma moça que é ex aluna de uma escola do município de Japeri, onde eu trabalho, e nós fomos durante toda a viagem conversando. Ela é moradora de Nova Belém, bairro onde fica a escola Municipal que eu atuo como orientadora educacional há onze anos, no município de Japeri. Ficamos conversando durante a viagem, eu na cadeira do corredor, ela na do meio, e a filha dela na janela. Batemos fotos juntas, pois minha chefe foi diretora na escola que ela estudou o ensino fundamental. Disse a ela, que assim que chegasse iria mostrar a foto dela para a Leila. Ela estava indo morar definitivamente em Fortaleza com a filha. A viagem durou 3 horas, sem escalas, do aeroporto Internacional do Galeão até o aeroporto Internacional de Fortaleza.

Lampejos de 2025, Fortaleza, Ceará.

Desembarquei em Fortaleza às 18h e, naquele instante começava um misto de sentimentos, sensações e emoções em mim. Como seria a experiência de viver sete dias diante de tantas vivências novas que estavam por vir? O sonho estava se tornando realidade naquele momento em que coloquei os pés no aeroporto Internacional de Fortaleza. Quando cheguei e saí pelo desembarque, fui abordada por uma senhora que perguntou se eu gostaria de um táxi. Ela me conduziu até um taxista, que me ofereceu levar ao hotel em que eu ia ficar hospedada, o Iracema Mar Hotel, pelo valor de R\$70 reais. Achei caro, mas ele falou: “vou colocar no taxímetro e a senhora vai ver que é esse preço mesmo.” E assim fomos dali para o hotel, e pude observar através da janela, a beleza do nordeste brasileiro. Chegando ao hotel, fui recebida por uma recepcionista muito educada, preenchi os dados cadastrais, e dali ela me direcionou para quarto onde deixei as malas. Fiquei hospedada no quarto 112. Tomei um banho, troquei de roupa, e fui conhecer um pouquinho de Fortaleza. Saí do hotel e fui caminhar na Avenida Beira Mar. De repente, comecei a sentir aquele cheirinho gostoso das comidas típicas do nordeste. Cheirinho de acarajé e cascão de vatapá de camarão. Olhei e não resisti. Comprei os dois e comi. Estavam deliciosos. Continuei minha caminhada, procurei uma farmácia para poder comprar água, e comecei a fotografar a orla cheia de coqueiros, com um vento gostoso que ia acariciando a minha pele. Muitos artesanatos e muitos artesãos expondo suas artes, e todos muito simpáticos. Quando eu perguntava alguma coisa, eram

muito simpáticos e diziam “a senhora não é daqui, é de onde?” Quando eu estava voltando, caminhando pela Avenida Beira Mar em direção ao hotel, tinha um barzinho tocando aquela música do Gilberto Gil “lente do amor”. Eu parei e fiquei refletindo a letra da música, olhando para a praia de Iracema, praia que ficava o hotel onde estava hospeda, e pensei: “Meu Deus, parece inacreditável que estou aqui.” É como se eu tivesse anestesiada, como se “a minha ficha não tivesse caído”, vivendo tudo isso, todo esse sonho.



Figura 4: Foto da Avenida Beira Mar a noite com pessoas passeando na orla.
Fonte: Acervo da autora, 2025.

Algumas horas que antecediam Angicos, 2025, Fortaleza, Ceará.

Era um domingo muito chuvoso em Fortaleza. Fui logo pela manhã para rodoviária comprar minha passagem de ônibus para Mossoró, pois não havia ônibus direto para Angicos. Comprei a passagem pela viação Guanabara, com saída no dia seguinte, às 9h da manhã. Saí da rodoviária e fui para o Mercado Central, que é um mercado de artesanatos. Nele pude comprar várias lembranças. Comprei bolsa de palha, bonequinhas de argila, comprei uma sandália de couro de um mestre de 95 anos de Pernambuco, que faz a sandália bordada a mão. Passei uma manhã maravilhosa no mercado Central. Não podia deixar de falar que nesse dia, acordei às 6h da manhã, tomei meu café com uma vista maravilhosa da praia de Iracema. O café da manhã era servido com comidas típicas, como cuscuz nordestino, curau de milho, tapioca com manteiga e muitas frutas. Ainda chovia muito, e já estava próximo do horário do

almoço, uma fome já assolava meu estômago, e ainda passeando pelo Mercado Central, escutei pelos corredores alguém falar que existia um mercado do peixe, mercado muito famoso que tinha pratos deliciosos da culinária local, onde você comprava o peixe, o camarão, e eles limpavam e fritavam na hora. Foi para lá que fui. Peguei um táxi, e fui para o mercado do peixe. Nossa, que a comida maravilhosa. Comiatum, pescada amarela, camarão frito, camarão no coco e camarão no abacaxi. Que comida maravilhosa! Ao final da tarde, quando eu já tinha almoçado, retornei para o hotel, tomei banho, descansei, vi um pouco de televisão, ouvi música, e depois fui caminhar na avenida Beira Mar. Caminhando pela orla, avistei um evento muito interessante relacionado a Síndrome de Down. Era um palco, onde as crianças estavam todas identificadas com uma blusa. Era um evento em homenagem às crianças com a síndrome. Elas estavam em um palco cantando músicas coordenadas por um maestro. Os familiares acompanhavam as crianças. Que ação bonita! Fiquei um pouco, filmei e fotografei. Não tinha vivido ainda essa experiência de participar de um evento com crianças com Síndrome de Down. Sou psicóloga, e para mim foi super importante ver as potencialidades das crianças, e a habilidade que elas tinham de cantar. Era um grupo de cerca de 14 crianças. Depois retornei pela orla, caminhando de volta para hotel, parei numa barraca de tapioca, e comprei a maior tapioca que eu já vi na minha vida. O vendedor, falou que a tapioca era do município de Cascavel. Ele disse que essa tapioca era toda recheada com coco. Quando cheguei no hotel, foi a minha janta, simplesmente deliciosa. Comi vendo televisão, com notícias sobre o nordeste, tomei um banho e dormi porque no dia seguinte a viagem seria longa até Angicos.

Check- out do hotel, 2025, Fortaleza, Ceará.

Segunda-feira, às 8h05min, eu fazia o check- out do hotel, e partia para realização do meu grande sonho, que era pegar a estrada, e ir rumo à Angicos. Peguei um táxi para a rodoviária às 8h10min, pois meu o ônibus estava marcado para às 9h, saindo de Fortaleza para Mossoró. Cheguei na rodoviária por volta de 8h25min, despachei a mala, e aguardei o ônibus sair. Às 9h em ponto, o ônibus saiu com destino a Mossoró, e durante a viagem fui me comunicando pelo WhatsApp com Passos Júnior, que estava aguardando a minha chegada na rodoviária de Mossoró. Em torno das 14h, cheguei na rodoviária de Mossoró. Quando cheguei na rodoviária de Mossoró desci do ônibus, e lembro que não tinha onde eu sentar porque a rodoviária não tinha bancos. Avistei uma cadeira bem velhinha, que só tinha o assento para sentar, sem a parte de colocar as costas. Sentei-me ali, e coloquei as minhas bagagens no chão. Mandeí mensagem para Passos Júnior, e ele respondeu que estava dentro do carro.

Acenei com as mãos, e logo Passos veio ao meu encontro. Quando nos aproximamos um do outro, me emocionei e disse a ele: “Passos, eu não acredito que estou encontrando com você. Eu quero te agradecer pessoalmente por tudo o que você fez por mim. Sem você, eu não teria conseguido chegar até aqui.” Demos um abraço, e ele me entregou o livro das 40 horas em Angicos lançado em 2023. Passos me respondeu assim: “eu estou aqui para ajudar.” Entrei no carro e fomos para uma churrascaria chamada Chimarrão, onde tomei coca-cola e Passos, água mineral. Ele me falou um pouco dos projetos futuros que tinha, do doutorado que não passou porque seu celular havia ficado ligado na hora prova e tocou. Falei da minha pesquisa, depois nos despedimos e fiquei aguardando um rapaz que iria me levar até Angicos com outros ocupantes no carro pelo valor de R\$80 reais. Foi o próprio Passos que conseguiu e combinou com o motorista para me buscar na churrascaria, e me levar com mais duas pessoas que dividiriam o carro comigo e que estavam indo para Natal. Ao entrar no carro, cumprimentei o senhor e uma jovem que o acompanhava. Sentei no banco da frente junto com o motorista, e de repente uma discussão começou entre o senhor, e a jovem no carro. Eram pai e filha. Ela dizia: “o senhor cale a boca por favor, não quero nem ouvir a sua voz. Não me criou, e agora vou ter que cuidar de você com Alzheimer.” O senhor não respondia nada, apenas sussurrava algo incompreensível. Olhei para trás e disse: “Fica calma, o que aconteceu para você estar assim?” Ela respondeu: “Ele nunca me criou, nunca foi um pai carinhoso, afetuoso, quando ainda era casado com a minha mãe, ele entrava para almoçar e jantar e nem falava comigo e com meus irmãos. Meu padrasto foi muito mais pai do que ele. Ele não presta. Estava com a família dele no Amazonas, mas ninguém quer ficar com ele.” E assim, seguimos a viagem, conversei um pouco mais com ela, que continuou chorando por um tempo e depois ficou mais calma. Cruzamos o município de Timbau, que fazia divisa entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, e faltava algumas poucas horas para chegar em Angicos. Na beira da estrada, avistava de tempos em tempos, casinhas de alvenaria, algumas pintadas de branco, e outras azulejadas com uma cruz na parte de cima. Perguntei ao motorista o que era, e ele disse que essas casinhas marcavam locais onde havia ocorrido algum falecimento. Ele disse que é comum nas estradas do nordeste, construírem essas casas para criar memórias dos entes queridos que faleceram em acidentes na rodovia. A tão esperada Angicos já se aproximava, e na entrada da cidade, havia um senhor chamado Maninho, cujo contato quem fez foi o querido Passos Júnior. Esse senhor estava me aguardando na entrada de Angicos.

Sertão, 2025, Angicos, Rio Grande do Norte.

Cheguei, pisei no solo da “minha terra prometida”, lugar onde eu sonhava estar. Procurei o senhor Maninho, que estava do outro lado da calçada. Chuviscava. Ele veio com o carro na minha direção, e quando fui cumprimentá-lo, ouvi a seguinte fala: “meu pai pediu para buscar a senhora porque ele está tirando leite da vaca na fazenda.” Eu disse: “muito obrigada por vir me buscar, agradeça ao seu pai por mim.” O carro tinha dois lugares, o do motorista e o do carona, e uma caçamba atrás onde coloquei as minhas malas. Dali fomos direto para pousada, onde fiquei hospedada durante toda a minha estadia em Angicos. Assim que cheguei na pousada, entrei em contato com a professora Juliana, que leciona no curso de Pedagogia na UFERSA de Angicos, e ela me respondeu imediatamente dizendo: “eu sei que você tá muito cansada, mas hoje a gente tem uma aula de encerramento do semestre passado, e eu gostaria que você viesse falar sobre a sua pesquisa. Duas alunas de mestrado que falam também em suas pesquisas sobre narrativas irão participar. Posso te buscar às 19h na porta da pousada?” Na mesma hora concordei. Foram 9 horas de viagem. Estava cansada, mas nada me parava. Uma força enorme me movia para estar ali, e viver as situações que não estavam programadas, a imprevisibilidade da vida. Foi só o tempo de deixar as minhas coisas na pousada, tomar um banho, botar uma roupa e aguardar a professora Juliana que me buscou às 19h na pousada. Ir até a UFERSA, em uma turma de Pedagogia que estava encerrando o segundo período, e falar sobre a minha pesquisa foi uma troca muito interessante para todos que estávamos ali. Um momento único e inesquecível com os alunos. A professora Juliana me apresentou para a turma, falou que eu era aluna da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, muitos desconheciam a existência da Rural aqui no Rio, assim como eu, que não sabia da existência da UFERSA no interior do semiárido. A aula ocorreu no Memorial Paulo Freire, um espaço belíssimo com salas de aula, auditório, e um espaço com a exposição de fotografias de Paulo Freire com os alunos, objetos pessoais de ex alunos como enxada, sapatos, roupas, terço, chapéu, dentre outros. A professora relatou aos alunos, que eu tinha ido pra Angicos fazer minha pesquisa de mestrado sobre os educandos e educandas da primeira turma de alfabetização em educação de jovens e adultos Paulo Freire, que ocorreu em Angicos no ano de 1963. Fui recebida pela turma com muito carinho. Ao final da aula, houve uma confraternização com muita comida gostosa, típica do Nordeste. Tinha cuscuz com calabresa, pastéis, bolos, tudo delicioso. Levei um “kit lanche” para casa que os alunos fizeram para mim, e logo depois, a professora Juliana me levou de volta para a pousada.



Figura 5: Foto tirada em frente à casa de cultura. Nessa foto olho para o céu agradecendo por ter conseguido chegar em Angicos.
Fonte: Acervo da autora, 2025.



Figura 6: Foto com uma imagem em tamanho real de Paulo Freire, no Memorial de Paulo Freire na UFERSA.
Fonte: Acervo da autora, 2025.



Figura 7: Foto da aula que participei a convite da professora Juliana na UFERSA , onde falei sobre a minha pesquisa de Mestrado.

Fonte: Acervo da autora, 2025.

Resumo de um dia especial, 2025, Angicos / RN.

Terça-feira, um grande dia. A professora Juliana disponibilizou seu carro, e dois alunos da UFERSA para me ajudarem a localizar a residência dos ex-alunos. Eram eles: Victor, neto do senhor P, que foi um dos alunos do Paulo Freire que hoje se encontra com 83 anos, e o Israel que é aluno de comunicação visual. A professora disse que havia conseguido junto a Vitor e a Israel, que eu entrevistasse dois ex-alunos e duas ex-alunas de Paulo Freire. Esse dia vai entrar pra minha história de vida, das minhas vivências, experiências de um dia que eu não sei como descrever o que eu senti. Só sei que foi uma emoção que me fez suar, que me fez tremer, que me fez transbordar em lágrimas. Quando você vê o teu sonho virar realidade assim na sua frente, e da forma mais imprevisível possível, porque cada ex-aluno de Paulo Freire que eu conversei foi de uma forma completamente diferente. Respeitando as especificidades e as individualidades de cada aluno, os encontros ocorreram de forma leve, alegre e descontraída. Israel e o Vitor me buscaram às 8h na porta da pousada, e dali nós fomos para casa de M, que foi a primeira aluna de Paulo Freire que eu conversei. Quando cheguei na casa de M, e a vi sair da sua casa, eu olhei para ela e pensei: “Meu Deus, não estou acreditando. Ela falou: “oh minha filha, eu já soube que você vinha aqui conversar comigo. Fale o que que você quiser.” Sentamos do lado de fora da casa. Ela sentou em uma cadeira, eu sentei em um banco, e conversamos um pouco. Foi uma troca tão linda. Em um momento ela perguntou: “Muié você pode me dizer por que que o povo da ditadura ficava atrás do

professor. Ele ficava andando de chinelo aqui, de calça, todo simples, e aquele povo todo ditadura todo mundo atrás dele. Eu respondi a M: “o que acontece é que a ditadura é um regime opressor, na ditadura não existe diálogo. A ditadura é um regime autoritário, e o professor Paulo Freire quando veio aqui nessa época foi para trazer conhecimento para vocês, educação, oportunidades de ensino, e de conhecimento. O professor Paulo Freire incomodava porque a ditadura não permitia relações de liberdade, relações de diálogo.” Ela respondeu: “agora entendi, Ave Maria! Não entendia porque queriam ficar prendendo o pobre coitado do professor.” Terminei o diálogo com M, que foi maravilhoso. Fizemos o encontro na porta da casa dela. Uma casinha verde bem clarinha. Eu suava de nervoso. Quando eu a vi de perto, fiquei ao mesmo tempo feliz e nervosa. Eu suava. Estava calor, mas não tanto calor para suar daquele jeito. Eu ia me secando, e ao mesmo tempo M falou assim: “Você está usando um vestido igualzinho ao que a minha professora usava. Ela tinha um vestido assim.” Ela nos levou no carro, e ali nos despedimos. Eu, Israel e Vitor, seguimos em direção a casa de L, que era a próxima que iria visitar, e que ficava próximo da casa de M. Chegando lá foi uma festa. Ela estava nos esperando dentro de casa. Assim que entramos, ela nos ofereceu café, e “orelha de velho”, um prato típico do Nordeste, que aqui no Rio lembra panquecas doces. L falou: “olhe tem café e um negócio muito gostoso para vocês comerem, orelha de velho.” Nessa hora Vitor falou: “não acredito que a senhora fez orelha de velho.” Sentada em uma cadeira de balanço de palha, e eu sentada numa cadeira de madeira, olhei para L e perguntei: “Posso bater uma foto com a senhora e as panquecas. Ela respondeu: “Lógico.” Após a foto começamos a conversar. Ela ria muito, uma pessoa muito sorridente. Ela começou a falar sobre suas memórias. Foi maravilhoso e encantador esse momento com L. Partimos a procura de um outro ex-aluno, C. Encontramos C na rua. Ele estava na calçada, sentado numa cadeira de plástico branca. Vitor quando o viu, abaixou o vidro do carro e falou: “C, eu estou com uma estudante aqui da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O senhor pode conversar com ela. A pesquisa dela é sobre a turma primeira turma de alfabetização de Paulo Freire, na qual o senhor fez parte.” C respondeu: “posso sim, venha.” Ele tinha nas mãos um pote rosa com umas bolinhas brancas que estava comendo. Vitor falou para mim: “Luciana isso aí que é “pelo”. Lembra que você tinha me perguntado o que era “pelo”, que seu amigo Passos Júnior tinha dito a você que quem vem em Angicos tem que comer “pelo”, pois então, você encontrou. Prove.” Respondi a Vitor: “Jura!” Experimentei o “pelo”, e durante a conversa descobri que “pelo”, é uma flor que dá no cacto, e que no passado, em época de muita seca e muita fome no sertão, muitas famílias tiravam essa flor do cacto, descascavam e comiam. As vezes era essa a única refeição do dia. Terminei o encontro com C e fomos

almoçar. Vitor e Israel me levaram para comer no Mercado Municipal da cidade. Eu comi uma saladinha de tomate, alface, cebola, feijão carioca, arroz com cenoura, macarrão, uma rodela de batata-doce e uma carne de panela que vinha junto ao do boi, chamada de mocotó. Essa é uma comida típica do nordeste. Depois fomos tomar um café, descansamos um pouco, e partimos para a última entrevista que era do avô do Victor, o senhor P. A entrevista estava marcada para às 18h, pois P durante o dia trabalha. Quando chegamos em sua casa, P já estava de banho tomado e todo arrumadinho, com um chapéu bem bonito na cabeça me guardando. Ele me convidou para entrar e sentar no sofá. Ele foi muito receptivo e atencioso comigo. Terminamos nossa conversa por volta das 20h. Estava bastante cansada. Vitor e Israel me levaram de volta para a pousada. Quando cheguei tomei banho, comi, vi televisão, ouvi música, falei com a minha mãe, meu filho, e dormi. Quero deixar registrado que Israel, um dos alunos da UFERSA que me acompanhou, e que é estudante de comunicação visual, me filmou através do seu telefone todos os momentos de conversa. Quando estávamos voltando de carro, Israel começou a compartilhar os vídeos comigo, quando de repente ele falou: “Não estou achando o vídeo de M. Quando eu estava gravando, vi que a minha memória estava cheia e apaguei algumas coisas. Olhamos os três um para o outro e um clima de desespero começou naquele momento. Israel falou que estava somente com três vídeos, o de L, C e P. Desesperados voltamos para a casa de M, e dissemos a ela que tínhamos tido um problema no vídeo dela, que não estávamos encontrando a gravação. Ela respondeu: “não tem problema não “muié”, pode voltar aqui amanhã.” Perguntamos se ele ficou chateada, e ela disse que não. Disse a ela que podíamos tomar um café da manhã todos juntos. E foi exatamente o que aconteceu. Os meninos me deixaram na pousada, passaram na casa da professora Juliana, avisaram que tinha dado esse problema com vídeo, e pediram o carro para ela novamente emprestado. No dia seguinte Israel chegou às 8h da manhã para me buscar, e assim que entrei no carro ele me disse que havia encontrado o vídeo. Disse a ele o quanto eu ficava feliz por ter conseguido encontrar o vídeo, mas que agora tínhamos que ir na casa de M, e tomar o café da manhã com ela. Disse a ele que não poderia deixar de ir até lá. Assim foi feito. Fomos para a casa de M, passei na padaria, comprei pães, comprei recheios para colocar nos pães, bolo, manteiga e presunto. Quando chegamos, ela já estava de banho tomado nos aguardando, e aí falei para ela: “M encontramos o vídeo. Israel achou no telefone.” Ela sorriu e disse para entrarmos em sua casa, nos sentarmos, ficássemos à vontade e tomássemos o café que sua filha estava passando no coador. Tem coisas que acontecem que não tem muita explicação, ou a explicação é que para outras coisas possam acontecer. Coisas novas, coisas boas, coisas que não estavam no “script” da pesquisa, no roteiro, estavam para além do

roteiro, para fora do roteiro. E foi exatamente isso. A gente no momento em que entrou, sentou e começou a conversar com M, surgiram falas dela que não apareceram durante a entrevista. Ela disse que era costureira. Israel contou a M que ela tinha costurado a primeira fantasia dele de folclore. No dia seguinte, era a festa do padroeiro da cidade, e todas as pessoas usam roupas amarelas, colocam fitinhas amarelas na porta de casa, e bandeiras amarelas em sinal de devoção ao santo. Ela estava com a fitinha amarrada na cadeira da entrada da casa. Eu levei para ela de presente uma imagem do santo, porque quando fui ao centro cultural de Angicos, conheci a Sabrina, uma senhora que participou das aulas de Paulo Freire junto com a mãe. Sabrina é coordenadora do centro cultural e faz vários tipos de artesanatos. Na lojinha do espaço cultural tinha uma imagem customizada em um painel redondo. Comprei para M. Quando entreguei para ela o presente durante o café da manhã, ela ficou tão feliz. Ela falou assim: “eu vou lhe dar um presente também, eu vou lhe dar a caneca que ganhei quando fui homenageada por fazer parte da primeira turma de Paulo Freire em Angicos. Ela pegou a caneca e disse agora ela é sua. Guarde com muito carinho e cuidado para não quebrar a “orelha” dela. A “orelha”, que ela se referia era a alça da caneca. Ela disse assim: “olha eu posso fazer uma coisa se vocês quiserem. Vocês querem conhecer a primeira casa que morei quando fui alfabetizada por Paulo Freire. Eu posso levar vocês lá. Não tinha luz. Nós estudávamos com lampião.” Fomos com ela de carro onde ela queria nos levar, ela nos mostrou o trajeto que fazia entre a casa dela e o local onde tinha as aulas. No carro, M ia olhando a cidade e falando dos açudes, de suas memórias. Passamos por um açude e ela disse que ele ainda não tinha “sangrado”. Ouvi e perguntei a ela qual era o significado de um açude “sangrar”. Ela disse que é quando um açude transborda, quando a água invade a pista e molha do outro lado. Passamos pelo cemitério da cidade, e ela se recordou de entes queridos que estavam enterrados lá. Chegamos na primeira casa onde ela morou, e que hoje vive um sobrinho. Descemos do carro, caminhamos até a frente da casa e ela falou: “Oxê, meu Deus quanto tempo, quanta coisa vivi aqui.” Ela começou a narrar essa memória do passado, da vida dela ali, disse que era casa dos seus pais. Ela me contou que os pais faleceram dentro de casa, e como naquela época não existia caixão no sertão, os corpos eram enrolados em redes e levados para serem enterrados no cemitério. M mostrou que do lado da casa a mãe dela, tinha uma quitandinha onde vendia arroz e feijão. Os grãos vinham em sacas e eram vendidos a grama e o quilo. Enquanto olhávamos a lateral da casa, olhei para o telhado, e no alto, tinha um cimento escrito Cícero. Perguntei a M quem era Cícero, e ela em seguida me respondeu que era o pai dela, e me perguntou onde eu estava vendo o nome dele. Apontei para o telhado e mostrei a ela o nome do pai dela, que estava escrito em uma parte acimentada por cima de

uns tijolos. M se emocionou ao ver o nome do pai. Ela falou da importância de aprender a ler e a escrever nas aulas de Paulo Freire, porque foi através da alfabetização que teve com ele que ela disse que não se perdia mais na cidade, pois aprendeu a ler o nome das ruas, e dos lugares para onde precisava ir.

Lampejos de 2025, Narrativa I, M.

Quando cheguei na casa de M, conversamos bastante em frente à sua casa, e depois disse à ela: “ Primeiro vou ler trechos da Pedagogia da Autonomia, que é um dos livros que fazem parte da obra de Paulo Freire. Esses trechos são para senhora refletir, é como se a senhora voltasse no tempo, para poder sentir novamente aquela experiência que a senhora teve, a senhora pode também dizer coisas que está vivendo no presente. Essa é uma leitura para lhe servir como inspiração: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser, ou sua inconclusão, é própria da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”(FREIRE, 1996, p.50). Em seguida começamos a conversar e M disse: “meu nome é Maria Gedenora Costa de Araújo”, eu sou de 46, de 46, você conta aí, 79 anos, 79 não ,78. Nasci em 1946.” Ela disse que quando criança a memória que tinha era de limpar roçado, pegar algodão. Reiterou dizendo que era o que ela viu naquele tempo de sua infância, e que atualmente ela não vê mais. “Era apanhar algodão, roçado, apanhar feijão. E eu acho que o pai dele é do mesmo jeito. Seu pai não é aquele do Carrasco, o P.” Nessa fala ela estava se referindo ao avô de Vitor. Prosseguimos com o diálogo e li uma outra parte do livro Pedagogia da Autonomia que falava assim: “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes do currículo, e os saberes que eles têm como indivíduos.” Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade.” Perguntei a ela como se deu o seu primeiro contato com a escola. M respondeu: “foi bom que eu aprendi as coisas. Foi com ele. Foi. Não foi para outra escola não. Mas não era ele que ensinava não. Ele era o, como é que chama, o diretor, e tinha os aplicadores, conversando com agente e tudo. A minha professora mora no Rio de Janeiro, morava, não sei se ela é viva. Nem me lembro do nome dela. Mas ela era bem assim, que nem você, é desse jeito. Desse jeito, da sua cor, gostava muito, vinha assim com essas roupas. Com esse tipo de vestido. Sei que teve uma vez aqui, não sei o que foi que teve aqui, um evento lá na UFERSA e ela veio, mas já faz de dois anos, ou é três anos.” Em seguida, durante a conversa, disse a ela: “O que aconteceu de diferente na vida da senhora depois da senhora ter vivido esse método de alfabetização de Paulo Freire em 40 horas, o que mudou na sua vida depois que a senhora passou por essa

vivência, por essa experiência com ele.” Ela disse: “O que mudou foi o que aprendi, a ler e a escrever, agora eu faço que nem a história que o povo disse que só é o que eu sei dizer, porque aprendi a ler e escrever, aí eu sei entrar e eu sei sair, se eu for nessa rua, aí eu já sei o nome dessa rua, se eu não soubesse ler não dizia o nome para sair lá para outro lado. Eu agradeço a Deus primeiramente, e depois a ele, que foi o que ele me deu. Graças a Deus. Amém. Eu tenho muita pena dele ter morrido, e agora depois que ele morreu, aí que o povo tá tudo se enchendo assim falando o nome dele para cima e para baixo. No tempo que ele vinha, era só polícia. Só tinha polícia para prenderem ele devido à ditadura. Era ele, e o Aluísio Alves. Mas se não fosse ele, tinha feito muita coisa melhor do que ele fez. Ele ensinou muita gente, muita gente mesmo e já morreu quase todos.” Disse a ela: “Então, essas são as memórias que a senhora tem da época, a senhora tem mais alguma memória, a senhora falou desse momento de Paulo Freire ter que ficar se escondendo, que era alvo, que queriam pegá-lo.” Ela falou: “Não sei, não sei porque eles corriam atrás dele, não sei o que era, se ele devia alguma coisa, se ele não devia, porque ele nunca falou. É porque ele queria trazer realmente a educação, a transformação. Não tinha energia, era só as lamparinas, aqueles faróis não sabem, de querosene.” Em seguida mostrei a ela a imagem dele em sala de aula, ela riu e disse: “Isso é a feiura dele. Essa camisa aqui foi um evento que fui com “Caita de Déda ”, meu Deus como é o nome? Não lembro se foi no Centro de Convenções em Natal! Mas eu gostei muito daquele evento, Ave Maria! Demais, demais mesmo. Eu não sei se foi ano passado ou ano retrasado, não sei direito. Continuando a conversa ela disse que o impacto em sua vida pessoal e familiar após ter sido alfabetizada por Paulo Freire, e pelo grupo de educadores que ele trouxe para Angicos em 1963 foi o seguinte: “ Uma filha só mesmo que quis aprender a ler e a escrever, e se formar, não me lembro no que é que ela se formou, não sei o que é, mas os outros mesmo, os outros quatro, porque é cinco, os outros quatro eu não sei. Ia para a escola todo dia só faltava dar “umas lapadas” nela e na outra que mora em Natal para ela ir para a escola, porque ela não queria ir para a escola, e os outros dois homens era desse jeito. Mas a outra que saiu, saiu quase ainda agora, eu não sei se você já tinha chegado. Essa daqui não é filha legítima não, fui eu que criei. Mas ela sabe também. A senhora falou que depois de frequentar as aulas de Paulo Freire, a senhora passou a caminhar pelas ruas sabendo ler os nomes, essa rua é essa, essa aqui é outra, essa noção de espaço mudou sua vida. “Mas foi muito bom eu ter aprendido a ler e a escrever com ele, porque eu trabalhei cinco anos no cartório. Quando tinha eleição, a votação, Ave Maria, o dia que eu mais sofri no mundo de correr com aquelas urnas para trazer aqui para a Câmara dos Vereador, aí nesse negócio verde que tinha aí atrás. Aí trazia de onde eles votavam para trazer para o juiz apurar as urnas.

Cinco anos trabalhando assim, passei cinco anos. M falou que só estudou com Paulo Freire, e que não prosseguiu com os estudos posteriormente. A senhora tem alguma leitura preferida, alguma coisa que a senhora gosta de ler, algum livro. “Alguma vez pego, quando eu pego um livro, eu leio, quando não pego, não leio. Eu gosto muito de ler a bíblia, mas não é todo dia.” E tem algum lazer que a senhora goste, passear para algum lugar. “Para Natal, para casa da minha filha. Natal tem praia. Mas eu não gosto de praia não. Natal eu gosto de ir mesmo para casa dela e pronto. Passar o dia todinho deitada numa rede me balançando. Tem mais outra coisa não. E o que a palavra sonho representa para a senhora. “Sonho, eu nem sei. Eu acho que deve ser muita coisa, que agente sonhando, sonha coisa boa, realizar né?” Conversando com M, ela disse que não tinha mais sonho pra realizar. Disse a ela se Paulo Freire estivesse diante dela, o que ela gostaria de dizer para ele? “Eu queria dizer a ele muito obrigado pelo que ele fez para mim, pronto e acabou.” Em seguida começou a rir. Disse a ela que foi um prazer estar com ela. Ela falou sobre a história do marido que era o ferreiro e disse: “não quero negócio mais com nada, porque já acabaram com a vida dele, mataram ele. Eu não quero mais negócio com nada. Quero não, para lá. Se ele vivia... Ele não casou comigo. Era para ele ter morrido vivendo mais eu. Não morrer vivendo mais outra pessoa. Que ele viva para lá onde ele morreu, e deixe eu para cá. Não quero isso, mas de jeito nenhum. Só tenho só a herança dele, meus cinco filhos, que são o amor da minha vida.” Disse a ela: “M, quero agradecer a senhora por ter me dado esse momento do seu dia estando comigo. Ela perguntou o que eu iria fazer quando chegasse ao Rio. Respondi a ela que quando eu chegasse ao Rio ia transcrever toda a fala dela e colocar na pesquisa. E sem que eu lhe fizesse uma nova pergunta, ela disse assim: “A palavra que ele mais gostava de ensinar era tijolo e belota. Agente se acostumemos só com tijolo e belota. Sei que são aquelas belotas que tem na rede. Quando ele chegava na escola, ele perguntava a mim se a gente sabia o que era tijolo e belota, uns respondia, outros ficava calado. Mas seu pai não estudava mais eu não (se referindo ao avô de Victor). Ele estudava lá mais a avó de Pinheiro, lá em velha Sinhananã, é isso mesmo. E eu estudei na casa que era do Velho Guilherme, ali quando agente desce da ponte, não tem uns primeiros andares ali, que fizeram ali com o quartinho da “Caerne” pois pronto, era ali, desse lado, aonde estudava, era ali.” Disse a ela: “Muito obrigada M.” Ela respondeu: “De nada. E sabe quando vai para UFERSA, sabe aonde é que tem aquelas casas velhas desse lado, sabe, pois eu morava ali.”

Lampejos de 2025, Narrativa II , L.

Cheguei à casa de L. Ela me recebeu com um sorriso inesquecível, e me convidou para entrar e tomar café com ela. Ela montou uma mesa de café e panquecas para nos receber. Disse a ela: “ L, meu nome é Luciana, sou estudante de Mestrado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e para mim está sendo um prazer vir aqui até Angicos conhecer e conversar com a senhora. Foi com a ajuda de muita gente que eu cheguei até aqui, então muita gratidão por me receber dentro da sua casa, por me oferecer “orelha de velho”, que são panquecas doces, que eu já experimentei e são muito gostosas. Eu começo nossa conversa com alguns trechos do livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire que fala assim: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser, ou sua inconclusão, é própria da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1996, p.50). Por que a vida da gente continua, é verdade, ela respondeu. Disse a ela que a gente vive momentos, experiências, mas a vida continua criando memórias. Então iniciamos o diálogo e ela disse seu nome completo, e logo em seguida ela respondeu: “ L, tenho 79 anos, nasci em Angicos, gostava quando criança era de muita coisa “mulé”. Eu gostava de brincar de bonecas, o nome das bonecas era Severa e França, eram bonitinhas, eram lindas, eu só via comprando roupas para elas, eram bonitinhas demais, passei para outras crianças que arreventaram. O meu primeiro contato com a escola foi com Paulo Freire. Agente ia para a escola na casa de Celina, logo ali. Aí nós chegava lá, era Rosali e Pedro Neves, e quando nós chegava lá, ele ainda não tinha chegado, e nós sentava nas cadeiras na sala. Aí ele perguntava o que era sapato, belota, tijolo, enxada. Belota é aquele um negócio da rede, sabe. Aí quando acabava as aulas, agente vinha aquela rama de gente para casa todo mundo feliz. Eu gostava, agente voltava contente que só. Quando acabava as aulas, botou um telão lá em Celina, e botou um bocado de gente, muita gente olhando. Eu namorava um rapaz, e nessa hora ele passou num burro mimoso e sem camisa, ungindo as cabras. Aí tinha Valquíria acolá, e eu só sei que quando acabava as aulas era bom demais. Ela disse que o que mudou na vida dela depois das aulas com Paulo Freire, é que quando as aulas acabaram, ela já sabia alguma coisa. Disse que aprendeu um pouco mais. Tem a lembrança que Paulo Freire fez uma reunião com ela, e outros alunos em Zé Rufino. Ele disse que Paulo Freire perguntou aos alunos quem gostaria de escrever uma carta. Ela contou que muita gente escreveu, mas ela não. Estudou até a quarta série. L contou que gosta de ler livros de Paulo Freire. Ela falou: “o que eu tinha aí, acho que foi ele que me deu na reunião, um grande, não sei se ainda tenho por aí, já está ficando velho e acabado, tinha umas palavrinhas.” Seguindo a conversa, ela disse que gostava muito de passear, mas que agora bate-papo com as amigas,

faz uma orelhinha de velho. Quando mostrei a imagem de Paulo Freire na sala de aula, ela lembrava falou: “essa foto foi em Zé Rufino, a mulé fez uma carta e entregou para ele.” Quando falei o que a palavra sonho representava para ela, em seguida me respondeu: “Sonho é uma coisa boa, eu tenho muitos sonhos para realizar. O sonho que eu tenho na minha vida, é pegar um carro, nem que seja um carro velho para ir para igreja. Eu gosto de ir para a igreja, um carro só para ir e voltar, me levar na casa de um amigo quando eu quiser ir, passear, visitar as pessoas, ir à missa é meu sonho, e eu não posso ir porque eu não posso andar não. Já sofri duas feridas dentro de casa. Isso dói demais, meu joelho, todo o meu peso, dói demais, posso andar não, eu sou gorda demais, tomo remédio, tenho pressão alta, mês passado eu tomei sete injeções, eu melhorei, eu tinha vontade de ter uma lata velha só para ir e voltar. Eu não queria ser rica, eu não queria ser nada, eu só queria esse carro velho para poder ir e voltar todo dia à missa. Eu tenho muita devoção à Deus, num sabe, eu já sofri muito, e até aqui, até aqui eu estou viva. Já fiz hemodiálise, já tive AVC, isso aqui já estourou daqui para baixo, no caso a ferida da perna, iam cortar a minha perna, e aí o médico disse não. Eu paguei 300 reais a ele, e ele operou. Tem um “rombinho” na minha perna, mas eu boto a meia. É porque eu não tenho diabetes, senão já estava um rombo grande.” Chegando ao final da entrevista, perguntei a ela, o que ela diria a Paulo Freire se ele estivesse conosco. Ela disse: “eu agradeceria à ele por ter tido aula com ele, pelo o que ele fez pela gente, por ter melhorado a situação da gente, e agente já saiu aprendendo alguma coisa já. Eu nem pedi um carro ainda, Ave Maria. A última palavra é de Deus, pode ser que um dia, porque os outros recebem e eu não, se eu não tiver que ter eu não vou ter nunca, o que eu posso fazer, nada. Era isso que eu queria na minha vida: saúde. Eu tenho 79 anos, eu fazia de tudo, varria tabuleiro, trabalhei muito na casa do povo muié, nos resguardos muito, eu não sei ainda como eu sou viva. Deus gosta muito de mim sabe, porque eu trabalhei por demais no melão, apanhando algodão, apanhando feijão, eu trabalhei por demais, é por isso que eu fiquei doente demais, mas eu faço as coisas em casa, boto arroz no fogo, lavo banheiro, lavo roupa, isso aí eu faço. Como eu gostava de andar, eu saía daqui vendendo vassoura, verdura, andei demais. Hoje não posso nem andar. Vendia vassoura, fazia esteira, e não posso fazer mais nada.” Disse a ela: “A senhora tem uma história muito bonita L, uma história linda, uma memória de muito valor. E quem sabe de repente a senhora não consegue o carro, mas tem alguém aqui, que quer te dar carona até a missa.” Me ofereci para buscá-la no dia seguinte de carro para assistir a missa em homenagem ao padroeiro. Perguntei a Vitor e Israel se teria como buscá-la no dia seguinte, e eles concordaram. L respondeu: “Agora não tem não. Se eu tivesse eu dava uma carona para vocês. Se um dia eu tiver que ir tudo bem, senão tudo bem também, eu não posso brigar com

a vontade de Deus.” Continuamos a conversa, tomamos mais café, e depois fui embora.

Lampejos de 2025, Narrativa III, C.

Encontramos C em uma rua sentado numa cadeira branca na calçada, e com um pote rosa na mão. Ele comia o que havia dentro do pote. Com ele estavam vizinhos, o sobrinho, e crianças ao redor. Quando me aproximei dele disse: “C, eu sou Luciana, aluna da faculdade Federal Rural do Rio de Janeiro, e vim de lá para Angico , para fazer entrevista com vocês da primeira turma, e ele completou rapidamente a minha fala: “de Paulo Freire, e eu fui aluno dele até o fim, viu. Meu nome é C. Eu sou aqui de Angicos, eu tenho 80 anos. Eu vim pra cá com sete anos, nasci na Serra de João do Vale no Turucu.” Quando criança, ele disse que gostava de estudar, e disse que se ainda hoje ele pudesse, estaria estudando. Disse que estudar é a melhor coisa do mundo. Contou que a primeira escola, foi o colégio do padre, até o 5º ano, depois foi com Paulo Freire. Ele completou: “Foi a maior escola que já estudei foi a de Paulo Freire. A minha professora chamava Valquíria, ela era a melhor professora que já tive. Eu me lembro de tudinho. Ela me ensinou a escrever tijolo. Eu me lembro de tudinho. Ela me ensinou a escrever enxada, belota. Ela me ensinou a escrever tudinho. Eu não cheguei a ver Paulo Freire não. Eu estudei, mas não cheguei a ver ele não.” Quando conversei sobre o que ele gosta de fazer no dia a dia, ele falou: “Eu até penso que sou misterioso, porque eu não sonho com nada. Minha mãe morreu, meu pai morreu, minha mulher morreu, e eu não sonho com nada, acredita.” Durante a conversa, perguntei se ele iria comer a flor do cactus chamada no sertão de “pelo”, que estava na vasilha e ele começou a rir. Comemos um pouco de “pelo” juntos, lembrando que “pelo” é a flor do cacto descascado, e particularmente, é uma delícia. Chegando mais próximo do fim da conversa, perguntei como seria se Paulo Freire aparecesse no meio do nosso encontro, o que elealaria: “Um professor muito bom viu. Eu gostei do professor, ia agradecer a ele. Eu nunca vi ele não, mas agradecia a ele, pelo estudo né, 40 horas né. A minha professora se chamava Valquíria, ela ainda é viva”, ele me perguntou. Eu respondi que não sabia responder a ele. Mas Vitor, que me acompanhava nas entrevistas disse que ela era viva, e que morava em Natal. Ele disse que ela não era professora de formação, ela era procuradora do Estado. Estava com mais de 90 anos e lúcida. Perguntei se ele queria falar mais alguma coisa e ele me respondeu: “se tá perguntado, eu digo, se eu não souber não digo não.” Perguntei se gostaria de falar mais alguma coisa. De repente, a voz de uma moça que estava ao lado dele disse assim: “velho, fala quem foi Paulo Freire para o senhor.” Ele respondeu: “Eu não estudei com ele não, eu estudei com Dona Valquíria. Eu tenho um boneco ali que é Paulo Freire, só que roubaram as orelhas dele.” Pedi a ele que trouxesse para nós

vermos. Era uma escultura de madeira de Paulo Freire. C começou a recitar um poema: “Jesus me fez um poeta, dentro da sabedoria, ser velho eu tinha certeza, de novo ser só uns dias. Abracei o legado, e abandonei a poesia. Um dia eu pedi a Deus pra me dar alegria, pra completar meus 60, e tivesse a mesma alegria. Jesus me deu de presente a minha sabedoria.” Todos batemos palmas para ele. Ele continuou: “Todos que vão nascer tem o seu destino traçado, outros nasce pra ser poeta, outros nascem pra ser ladrão, até pra roubar cavalo traz o cabresto na mão.” Perguntei se C havia feito a escultura de Paulo Freire, e o senhor respondeu que não, que havia sido encomendada para UFERSA de Caraúba, e que eles não quiseram porque a madeira da escultura começou a apresentar rachaduras. Enquanto isso, C me dava “pelo” para comer da caixa dele. Falamos que a escultura de Paulo Freire poderia ir para o Memorial da UFERSA de Angicos, que podia pegar um pintor, um desenhista para terminar a escultura. Ele disse que venderia para a UFERSA. Foi o primo dele que fez o busto. Seu Chico voltou a falar que não viu Paulo Freire, e que foi aluno do grupo em 63. Repetiu seu nome completo, e disse novamente que foi aluno de Paulo Freire em 63. Uma moça perguntou se C conhecia P, e Vitor falou que era neto dele. C disse: “Rapaz, ele é meu amigo. Ei, o velho aqui é poeta.” Pedi para que ele assinasse o termo, e enquanto isso comíamos “pelo” juntos. Pedi para que ele escrevesse o primeiro nome, e ele disse: “comadre onde é que escrevo.” Ajudei C mostrando o local para assinatura, e ele assinou seu nome. Em seguida ele falou: “Comadre, me desculpe que eu estou melado. Eu estou bebendo. Eu lembrei de Paulo Freire.” Perguntei se ele ia a festa de São José, e ele disse que sim. Ele disse que começou a comemorar hoje com meladinho. Em seguida recitou mais uma poesia: “Nasceu dois colegas, só eles saíram da mata do desdém, um amigo como esse, em outro canto não tem. Olha, eu sou poeta.” Assim terminei a conversa com C, que aconteceu de forma muito leve, engraçada e cheia de risos.

Lampejos de 2025, Narrativa IV, P.

O fim do dia ia se aproximando, e P era o último ex-aluno de Paulo Freire que faltava ser entrevistado. Marcamos com ele às 18h, mas a conversa começou às 19h. Seu P, com 83 anos, ainda trabalha. Quando ele chegou em casa, já estávamos do lado de fora da sua casa aguardando a sua chegada. Vitor é neto de seu P, e estava me acompanhando durante todas as conversas. Marcou seu avô por último. Quando P saiu de casa todo arrumado para nos receber, com um chapéu de cavaleiro de cavalgada, e olhei para ele, agradei tanto à Deus por tudo estar dando certo. Ele nos olhou, nos cumprimentou, e pediu para que entrássemos. Fomos para a sala, sentei no sofá, era um sofá de dois lugares, eu sentei de um lado, e seu P

de frente pra mim no outro sofá, e logo em seguida iniciamos a conversa. Dei boa noite para P, mas antes expliquei o motivo da minha ida à Angicos. Disse que era aluna da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e que estava pesquisando memórias e narrativas dos alunos da primeira turma de alfabetização de EJA de Paulo Freire, e que ele fazia parte dessa memória. Disse que ia ler um trecho da Pedagogia da Autonomia, livro que Paulo Freire escreveu. Iniciei a leitura: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser, ou sua inconclusão, é própria da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1996, p.50). Ao terminar a leitura disse a ele que Paulo Freire esteve em Angicos há muitos anos atrás. Ele disse: “a senhora vê, pra gente ter uma ideia, a vida da gente, agente tá nesse pó de terra. É uma passagem. Porque momentos agente tá muito feliz, tá cheio de alegria, tá cheio de tudo de bom, mas quando dá ferro, a ruindade chega, aí chega até o ponto de levar nós para outro mundo. Nós temos que agradecer primeiramente à Jesus, que é quem nos dá a nossa vida, é quem participa da vida de todos nós. A senhora tem a sua luta, eu tenho a minha luta no meu trabalho, eu tô com 83 anos. Eu vivo ali na fazenda de um amigo meu, eu crio meus animaizinhos por lá. Esse amigo quando me encontra diz: “véinho vá se aquietar, você não precisa mais.” P continua: “Olhe, se eu parar, eu não passo seis meses, eu morro.” Completei dizendo que era importante trabalhar. Ele continuou e disse: “o idoso, pra gente ter uma ideia, ele até a hora de parar de uma vez, ele tem que se movimentar. O dono do sítio disse que eu não aceitava conselho. Disse a ele que se conselho fosse bom, ele não ia me dar, ele ia me vender. Eu só faço o que as minhas condições dão pra fazer. Há trinta anos atrás, ou quarenta eu passava por cima de fogo, de pedra, de tudo. Agora eu tenho que andar bem devagarinho e com muito cuidado por que qualquer uma topadasinha que o idoso leva, se quebrar ou fraturar uma perna, um braço ou uma coisa, dali vai começando a diminuir as coisas. Completei: “tem que ter mais cuidado.” Ele respondeu: “tem que ter mais cuidado, mas não tem jeito não, quanto mais agente tem, mais aqui, acolá, dá um escorrego, dá uma coisa, mas é assim mesmo.” Seguimos a conversa e perguntei onde ele nasceu, e o mesmo me respondeu que foi Angicos. Em seguida ele falou: “o meu conhecimento aqui não é meu nome não, é P.” Perguntei porque ele era conhecido por P. Ele respondeu: “porque eu trabalhei muitos anos com carroça, num sabe.” Perguntei o que ele levava na carroça, e ele disse: “eu carregava frete na feira, e carregava carne do matadouro pro açougue, num sabe. Carregava quatro boi nas costas pra cá, pra acolá. E hoje, eu estou nessa idade, e chego no açougue e vejo os cabra pega, dois, três, até quatro pra pegar uns bezerros. Porque hoje não tem mais gado como antigamente, aí me dá vontade de partir em cima e pegar. Tem um matadouro novo que vai

inaugurar, eu pedi pro prefeito pra quando inaugurar eu estar lá. Eu quero participar de um evento que eu trabalhei muito né, hoje eu não tenho mais condições, mas ainda tenho na minha memória, ainda tenho vontade, num sabe. Porque tudo a senhora precisa ver e entender, que tudo de bom que a gente faz com vontade, embora que passou, agente está renovando o pensamento da gente.” Em seguida, durante a conversa, perguntei o que ele gostava de fazer quando era mais novo, quando era criança, do que ele gostava de brincar, e ele disse: “eu nunca tive oportunidade de brincar não senhora, porque meu pai era pobre, a família era grande, e desde pequeno, eu trabalhava mais meu pai na agricultura, na roça, no mato, num sabe. Hoje, eu tô com essa idade e queria ele ao meu lado, num sabe. O que marca a memória da gente, no momento e na lembrança é o tempo difícil que nós passamos. Hoje não existe mais dificuldade. Hoje ninguém aprende quando não quer. A senhora vê, aqui na cidade tem ônibus pra buscar aluno no sítio, nas fazendas, pra todo o canto. Aqui na cidade tem um ôniбусinho circulando de ponta em ponta, pegando menino, indo pegar para a escola, e quando termina, volta pra deixar em casa, e milhares não querem aprender. A senhora vê, hoje é desse jeito. Ainda tem a história de mãe que recebe bolsa de não sei que, não sei que, e o que acontece, não agradece. E no nosso tempo era tudo difícil. Eu estudei em uma escola particular. Eu andava uma légua, eu e uma irmã minha, de pés. Perguntei se foi o primeiro contato dele com a escola, e ele disse que sim. A gente ia e vinha de pés. Hoje você não vê mais. Hoje é em cima de uma moto, de um carro. E ainda muitos não agradecem à Deus, o momento que tá, e não querem aprender. Deviam agradecer, e correr atrás do saber, que não existe coisa melhor na vida da gente do que o saber. A riqueza da pessoa é o saber. Quem não sabe é mesmo que um animal, porque o animal as vezes tem muito mais raciocínio do que certas pessoas, pra senhora ver, e ter, pra gente ter. Eu gosto muito de cavalgada, é um troço muito bom. Eu me sinto tão feliz. Ontem foi a cavalgada do padroeiro daqui. Eu vou montado nele, eu levo o estandarte, mas ele fica ali no pé do carro de som, e se o carro de som pára, ele chega a encostar a cabeça, o queixo no carro de som, num sabe. E quando termina a cavalgada, que para mesmo, minha senhora, pra vim embora dá trabalho, num sabe. Não quero trabalho não, quero ficar.” P começou a rir, e continuou: “Aí venho aqui, volto, vou lá, volto novamente, até que venho embora. São coisas gratificantes que agente tem na memória da gente e não passou quando agente tinha idade.” P fala sobre isso emocionado. Perguntei a ele, o que mudou na vida dele depois que ele viveu a experiência de ter feito parte da primeira turma de alfabetização em EJA de Paulo Freire. Ele respondeu: “senhora, olhe pra mim e pra muitos que no período aqui, Paulo Freire alfabetizou mais de trezentas pessoas, em 40 horas, pra senhora ter uma ideia né, mas foi muito gratificante porque milhares não sabiam de nada.

Naquele período agente tinha aquele fanatismo de aprender a ler pra votar. Eu já sabia porque a minha mãe ensinava a gente em casa. Era muito boa a minha mãe. Era uma mãe. Eu fui para a escola e continuei a estudar. Mas aí no final, não terminei meus estudos porque eu não tinha condições. Trabalhava mais meu pai, ajudava ele, e ainda fiz até a 4ª série, mas graças à Deus me serviu muito, e com esse empurrão de Paulo Freire, foi muito gratificante pra mim, não sei pra outros, mas pra mim foi demais.” Perguntei a ele em seguida, qual era a lembrança que ele tinha dessa época específica que Paulo Freire esteve em Angicos. Ele respondeu: “a chegada de Paulo Freire aqui foi uma coisa importante, interessante. Naquele tempo, era todo mundo pobrezinho, aqui não tinha cidade não, era só um povoadozinho, num sabe. Aí ele chegou aqui num jeep velho, e com um microfone, num sabe. Aí, saía pela porta daquelas casas daqui pra acolá anunciando, quem quisesse aprender a ler, quem quisesse, ele chamava no microfone para ir para a escola. Porque até aprender com o pé no chão você aprende. Só não podemos aprender a ler nu, não podemos ir para a escola nu. Mas de pé de chão agente pode ir. Hoje em dia agente faz o que quer, e o que gosta. Porque se eu vou fazer uma coisa que eu gosto, aquilo pra mim é uma coisa de gratidão. É melhor do que fazer coisas erradas que não pode ser.” Mostrei a foto do Paulo Freire em sala de aula e perguntei se ele lembrava. Ele disse que lembrava sim. “Lembro, lembro, lembro. Ele não foi professor nosso não. Cada uma turma de alunos tinha monitores, num sabe. Aí era desse jeito, num sabe. Paulo Freire era desse jeito aí, não mudou nada.” Perguntei se ele deu continuidade aos estudos depois de ter vivido a experiência com Paulo Freire, ele disse que sim, que continuou em um colégio da cidade, que na época tinha um padre, que era pobrezinho e de idade. Ele falou: “Ele saía. Ele ia daqui à Natal arranjar as coisas, arranjar recursos para as escolas dele. Agente vivia no colégio. Entrava de seis da manhã e saía de seis da noite. Tomava café lá, almoçava, merendava e jantava. Era bom demais. Naquele tempo tinha os governadores, tinha tudo, ele arranjava tudo. Saía dando as coisas pro povo nas casas. Aí morreu, era meu padrinho. Chamava-se Eridão Tavares. O padre foi bispo em Caicó, Natal. Ele era muito bom. Que a alma dele esteja com nosso senhor.” Em seguida, perguntei a ele, qual foi o impacto de ter vivido a experiência junto à Paulo Freire. Se teve algum benefício para ele e para seus familiares depois de ter vivido as 40 horas em Angicos. Ele disse: “Foi muito maravilhoso, porque eu pelo menos já sabia alguma coisa. Mas tinha milhares que não sabia de nada, Graças à Deus muitos aprenderam. Eu já estava no caminho, assim bem dizer. Minha mãe quando dava 5 da manhã dizia: “levanta, levanta pra gente ir pra escola.” “Eu tomava banho, colocava aquela roupinha e tirava pro colégio. Quando era meio dia, eu chegava da escola e ia pra onde meu pai estava trabalhando com uma légua mais de légua, de pés, pra ajudar ele.

Meu pai morreu com 91 anos, e eu hoje ainda queria ter ele, viver mais ele, porque o amor de pai é muito bom, mas maravilhoso de lindo é o amor de mãe. Meu pai era um homem, uma pessoa sincera. Naquele tempo era ignorante, era bruto, ele judiava muito comigo, mas eu nunca o deixei não. Quando foi um dia, nós ia trabalhar lá nos Palmares, apanhava algodão, feijão. Aí eu falava: “ papai vou trabalhar num outro canto.” Ele dizia: “não vai não.” Eu dizia: “ Deixa eu ir. Eu vou mais Severino. Aí saímos mais o velho, de pé, num sabe. Mas eu agradeço muito a Jesus, primeiramente, agradeço muito ao meu pai que me ensinou a trabalhar no pesado, que hoje não existe mais trabalhar no pesado, todo mundo só quer trabalhar em firma, nisso, naquilo, e em empresa. Nós aqui trabalhava no trabalho pesado. Ele me ensinou muita coisa, Graças à Deus.” Perguntei se ele tinha alguma leitura preferida, algum lazer que ele gostava de fazer, e ele respondeu que quando ele tinha tempo, ele pegava um livro e lia uma parte de uma coisa, de outra, porque ele tem problema de vista, mas ele disse que gostava de relembrar as coisas, de ler, ainda que fosse poucas páginas. O lazer que ele disse que mais gosta de fazer é a cavalgada e a romaria. “Eu e minha “véia”, todo ano nós vamos pra Juazeiro do Norte e Canindé. Viaja no dia 25 de dezembro e chega no dia 29 de dezembro. São quatro dias de viagem.” Quando perguntei o que representava a palavra sonho para ele, ele disse que era muito difícil de responder o que representava sonho. P disse: “mas sonho é uma palavra de amor e carinho, porque às vezes a gente está num momento muito difícil, às vezes preocupado, pensando nisso, naquilo outro, sonho é uma coisa tão alegre, que agente espairose, se emociona até.” Nesse momento os olhos de P se encheram de lágrimas. “É muito bom a gente conviver com os pensamentos que a gente gosta e ama, num sabe.” Perguntei se tinha algum pensamento que ele gostaria de falar, e ele respondeu: “meus pensamentos são esses, pra mim o pensamento, a coisa que eu mais gosto é quando eu estou em uma cavalgada grande, mais muitos amigos, num sabe, porque ali agente encontra gente de muitas cidades, naqueles círculos, nos grupos. Naquele momento agente está cheio de alegria, cheio de amizade, porque não tem nada difícil, nem nada ruim naquele período. Os sonhos melhores são esses. Quando dá do meio do ano pro final, aí eu sonho com Juazeiro e o Canindé, de uma hora pra outra eu sonho. Agente viajando, agente vai com quatro, cinco homens de pessoas, num sabe. É bom, é uma maravilha de coisas maravilhosas.” Chegando ao final da conversa, perguntei a ele, o que ele gostaria de dizer a Paulo Freire, se ele estivesse naquele momento, de frente para ele. Ele disse: “seria um prazer muito enorme, muito grande, e não pensamos assim, que ele não esteja presente aqui entre nós. Nós não estamos vendo ele, mas o pensamento dele está concluindo com o currículo da gente. Está no pensamento e no coração da gente. Olha, eu estudei com vários professores, professoras, mas Graças à Deus,

todos me amavam e me queriam bem. Eu ainda hoje me recordo daqueles tempos passados. Aí os outros alunos diziam para a professora assim: “Professora, a senhora só quer atender à P, a senhora baba muito o P.” Era o amor que eu tinha com ela, era a gratidão que agente tinha, porque não existe coisa melhor do que agente ter atenção, o respeito e o amor pela pessoa.” Agradei a P, disse que já era noite, e que eu estava muito feliz por ele ter me recebido em sua casa, aí ele respondeu de uma maneira tão linda, juro que nunca imaginei ouvir essas palavras: “eu estou muito mais feliz, chega o meu coração se emociona, num sabe, quando eu estou nesses momentos. As pessoas da qualidade da senhora, pessoa educada, amada, de carisma que nem a senhora num sabe, e todos aqui num sabe. Eu hoje tenho meu neto, João Vitor é meu neto.” Eu disse a P que Vitor me ajudou demais durante a minha pesquisa. Seu P respondeu: “Ele estuda acolá, mas uma hora ou outra em que eu for pra fora, ele vai comigo. Eu tenho uma filha que quando ela está trabalhando, ele vai comigo. Ele é maravilhoso, é uma pessoa maravilhosa.” Disse a ele, que se um dia ele quisesse ir para o Rio de Janeiro, as portas da minha casa estariam abertas para ele, para Vitor e Israel também. Ele falou: “quem sabe se um dia nós não vamos lá, né meu filho. Não depende de nós, só depende de Jesus. Olhe, eu fico muito feliz, agradeço muito a senhora, ao rapaz que veio junto a meu neto, agradeço bastante o carinho da senhora me procurar pra esse papo, num sabe. São coisas que renovam a minha idade. Disse a ele, que ele não imaginava como eu estava feliz por estar ali. Ele falou: “vem gente do Rio de Janeiro, São Paulo, vem de tanto canto. Aí tem um cabra acolá, que foi aluno de Paulo Freire, que disse que eu era besta em conversas com as pessoas, que o povo vinha aqui e ganhava dinheiro. Eu disse a ele que o que a gente estava ganhando era amizade, não era dinheiro não. Dinheiro é uma passagem que a gente pega, pra nele se manter, não vale nada, sabe o que vale é a amizade, é o conhecimento. A senhora mora no Rio de Janeiro, aí a senhora diz “eu estive em Angicos, na casa de um velho assim, fulano de tal, conhecido como P, muitas pessoas dizem, eu conheço esse senhor. São coisas gratificantes. Agradei a ele, e pedi um abraço. Ele levantou-se, veio em minha direção, e demos um abraço bem apertado. E terminamos o nosso encontro com ele dizendo assim: “a senhora veio só me deixar com saudade, mas possa ser que a gente se encontre mais vezes, estou às suas ordens. Na hora que precisar de qualquer coisa, nós estamos aqui viu.”

Lampejos de 2025, Angicos/ RN.

Acordei, tomei banho, café, e senti a sensação de missão cumprida com todas as conversas realizadas no dia anterior. Foi tão emocionante poder ter vivido essa experiência com os primeiros alunos de Paulo Freire, que foram alfabetizado em 40 horas em Angicos, há

62 anos atrás. Apartir dessa experiêncioa que vivi, minha trajetória enquanto sujeito histórico muda completamente. A emoção que senti foi algo incrível. Muitas das vezes indescritível. Foi a mistura de percepção, sensação e emoção, transbordando um sentimento de amor infinito. Me emocionei, chorei, abracei e ri. Eu vivi. O que era um sonho, que estava até então no plano das ideias, e em folhas de papel, agora tinha se tornado realidade. Em estado de gratidão, para tornar ainda mais inesquecível essa pesquisa, pude viver de perto a comemoração do padroeiro da cidade de Angicos. A tradição do povo angicano, é pedir ao santo que traga chuva, pois chovendo nesse dia significa que o ano será de muita prosperidade na lavoura, e em toda a agricultura de um modo geral. Havia combinado com Juliana, professora da UFERSA, de irmos ao centro de Angicos participarmos da procissão que aconteceria às 16h. Quero ressaltar o quanto a professora Juliana foi fundamental para que eu conseguisse realizar todas as conversas com os ex-alunos de Paulo Freire, disponibilizando seu carro e dois alunos da UFERSA para percorrerem Angicos comigo. Só tenho gratidão. Agradeço por sua vida, por tudo o que ela fez por mim. Agradeço pela vida de Victor, aluno da UFERSA, uma pessoa incrível, e com um coração maravilhoso. Agradeço a Israel, menino de ouro, educado, amigo, e muito prestativo. Que Deus lhes preservem assim, e lhe dêem muita saúde. A sensação que tenho narrando essa experiência, é que encontrei “anjos” que guiaram o meu caminho durante todo o período que estive em Angicos. Eu ainda não tinha vivido a experiência de encontrar pessoas tão boas, tão bacanas, e que não estavam ali dispostos a ajudar. Eu fico grata à Deus por ter me dado a chance de ter conhecido eles três. Não podia deixar de falar de Passos Júnior, uma pessoa incrível, que fez a ponte para que eu chegasse à Juliana, Victor, Israel e todos os ex-alunos que consegui conversar. Depois da experiência de ser mãe, de colocar em meus braços meu filho Bento ao nascer, essa foi com certeza, a segunda a maior experiência sentimental e emocional que já vivi. Ainda de manhã, depois de tomar café e me arrumar, estava aguardando Israel para me buscar às 8h, pois tínhamos marcado com M de tomarmos café da manhã juntas, já que a princípio a gravação de M teria que ser repetida, pois Israel pensou que tivesse apagado. Com isso, combinamos com M uma nova conversa, e um gostoso café da manhã. Israel chegou às 8 h em ponto em frente a pousada, e trouxe a boa notícia de que tinha achado a gravação. Do mesmo jeito, apesar de ter encontrado a gravação, mantivemos o combinado. Passamos na padaria no centro da cidade, comprei o café da manhã e fomos para a casa de M. Ir à casa de M foi algo que tinha que acontecer. Algo que parecia que estava “escrito nas estrelas”. Tínhamos que nos encontrar novamente. Tivemos um novo encontro, um reencontro. Quando chegamos à casa dela, ela já estava nos esperando, e nos recebeu com um sorriso, com uma alegria. Tomamos o café da

manhã juntas. Conversamos muito. No dia anterior, fizemos a conversa na frente da casa, e o café da manhã, tomamos no interior da casa de M. A filha de M, arrumou a mesa. Comemos, conversamos, e observei várias máquinas de costura. M falou que ela sempre costurou muito. Israel falou que ela tinha feito a primeira fantasia de folclore dele. Levei para ela um presente que havia comprado na Casa de Cultura. Comprei uma plaquinha em forma de espiral com a imagem do padroeiro customizada. Ela ficou tão feliz. M se levantou, buscou uma caneca, logo depois de ter lhe dado o presente. Ela disse que era para mim, pra eu levar com muito carinho comigo. Disse que havia ganhado em um evento que foi homenageada em Natal. No local próximo de onde estávamos sentadas, tinha um pedacinho de fita amarela da máquina de costura, e eu perguntei a ela se poderia amarrar na alça da minha caneca o retalho, e levar como uma lembrança do padroeiro pra mim. Ela na mesma hora concordou, e eu amarrei o retalho amarelo. Nesse dia, na entrada da casa dela, tinha uma fita amarela, porque São José é representado na cidade por essa cor. As pessoas se vestem de amarelo. Os peregrinos, que fazem promessas, andam descalços pela cidade no dia Santo. As pessoas colocam bandeirinhas amarelas na porta de casa. M estava com uma fita amarrada em uma cadeira de madeira ao lado da porta. Quando a procissão passa na porta, e vê as fitinhas e as bandeiras amarelas, significa que aquela pessoa que botou aquela fita é devota de São José. Então o padre pára em frente à casa, e abençoa os fiéis. Continuamos batendo papo, olhei para aquelas máquinas de costura e pensei: “Poxa, bem que M podia fazer a minha roupa de defesa do mestrado. Um vestido amarelo da cor de São José, inspirado no vestido que eu estava usando no dia da conversa com M, e que ela disse que parecia com o de sua professora. Tomei coragem e perguntei a ela se poderia fazer o vestido e ela respondeu: “lógico mulher. É só você comprar o tecido. Se você quiser agente vai comprar agora lá fora, e você conhece a casa que eu morei com os meus pais, conhece onde eu tive as aulas com Paulo Freire, e depois a gente vai no centro da cidade e compra o tecido.” E assim foi feito. Pegamos o carro. Saímos: eu, Israel e M. Fomos primeiro na casa onde ela nasceu, onde ela cresceu. Uma casa simples, branquinha e com as marcas do desgaste do tempo. Ela começou a narrar mais um pouco da sua história, e quando soltamos do carro, e que atravessamos a rua, que ela olhou a casa de perto, ela começou a falar a sua história de vida ali. Ela disse: “eu nasci aqui, eu fui criada aqui. Minha mãe morreu aqui, e meu pai morreu aqui também. Naquela época não tinha caixão. As pessoas, quando morriam, eram colocadas em redes e eram levadas pro cemitério. Lá fazia a cova e colocava pessoa deitada dentro da cova, dentro dessa rede.” As memórias foram surgindo, e ela completou: “aqui do lado da casa minha mãe tinha uma quitanda. A minha mãe vendia a saca do arroz, saca do feijão, saca de milho. Ela vendia o quilo. Ela

trabalhava aqui do lado de fora da casa.” Ela foi falando que ela saía de casa, atravessava rua, andava mais um pouco e chegava no local das aulas. Hoje tem um condomínio construído onde funcionava o espaço. Ela falou: “Nós nos reunimos todos aqui. Não tinha luz na época. A gente assistia a aula de lamparina, e depois eu voltava pra casa andando. Ficamos ali bastante tempo.” Ela disse que tinha vontade de construir na lateral da casa um espaço para ela costurar. Hoje em dia, um sobrinho dela mora na casa. Entramos no carro e fomos pro centro da cidade juntas, e de mãos dadas. Procuramos o tecido. M me levou numa loja que ela conhecia e achava mais barato, só que ela estava fechada porque era feriado, mas não teve problema não. Andamos um pouco pelo centro de Angicos juntas, fomos no palco montado na pracinha da cidade, onde estava tendo uma missa no momento e onde seria às 16h a procissão. Voltamos para o carro, e deixamos M em sua casa. Israel me deixou na pousada. Descansei. Nesse dia, a professora Juliana havia me convidado para almoçar na casa dela. Ela me mandou uma mensagem pelo whatsapp perguntando se eu gostaria de almoçar em sua casa. Eu falei: “Ju muito obrigada pelo convite. Aceito sim.” E foi maravilhoso. Juliana me buscou na pousada. Fomos para a casa dela. Almocei com ela, com seus três filhos pequenos, com a sogra, e com a senhora que ajuda ela nos trabalhos de casa. Depois do almoço, ela me levou de volta para a pousada. Eu descansei. Por volta das 15h30min ela passou para me buscar e fomos para a procissão. Eu não tinha nenhuma roupa amarela, mas eu botei um vestido que tinha uns tons alaranjados. Eu, Ju, seu esposo, sua sogra, seus filhos e a senhora que trabalhava na casa saímos para a procissão. Ao chegarmos ao local, fomos para a praça principal onde estava armado o palco para procissão. Quando deu em torno de 16h, a procissão já estava organizada para começar. Mas, antes disso, a imagem do santo tinha que sair da igreja, do alto do altar, e ir para a frente da igreja. Quando foi se aproximando o horário da procissão, que eu olhei para o céu, as nuvens começaram a ficar carregadas. O céu começou a escurecer. Quando vi aquelas nuvens pretas eu pensei: “vai chover e vai chover muito. Eu não estou acreditando nisso. Meu Deus! É sério que estou aqui em Angicos para ser testemunha ocular disso. Estou aqui no sertão há dias. Nesse calor, e não caiu uma gota d’água até agora. De repente, quando a imagem de São José saiu da igreja, carregada pelo padre e pelos coroinhas, o que eu vi não foi uma chuva, foi um temporal. Era muita chuva. Era uma chuva tão forte que nem o guarda-chuva foi suficiente para não nos molharmos. A chuva era muito intensa. Eu fiquei completamente molhada. Juliana, as crianças, todos completamente molhados. Protegi meu celular na barra do vestido, pois minha pesquisa estava toda nele. Dei várias voltas na roupa para que não molhasse o aparelho. Era chuva demais, e nós seguimos a procissão firmes, caminhando em meio ao povo. Apertado,

esbarrando, tropeçando, seguimos todos juntos, pedindo e agradecendo por tudo. Meus braços enroscados com um dos braços da Ju, que carregava no outro sua filha, enquanto eu amparava sua sogra com minha mão para que ela não caísse. Nesse momento fomos nos equilibrando juntas na caminhada. Foi um momento incrível. Descritível e indescritível ao mesmo tempo. Eu nunca tinha vivido essa experiência de participar de uma procissão, onde as pessoas esperavam que chovesse, e quando a imagem do padroeiro da cidade sai carregado pelos fiéis, pelo padre e coroinhas, quando o santo que o povo angicano tem maior devoção sai pela porta da igreja, simplesmente eu vejo cair um “mar” de chuva. Eu realmente fiquei muito emocionada com o que eu vi. Terminamos de caminhar e fomos pra casa da Ju a pé, porque a procissão foi numa direção que passava muito próximo a casa dela. Ao chegar em sua casa, Juliana me deu uma toalha para que eu me secasse. Peguei a toalha de banho e fui para o banheiro. Foi engraçado demais porque fiquei trancada no banheiro da casa da Ju. A porta estava com um problema na maçaneta que não abria de jeito nenhum. Eu comecei a ligar para o celular dela, a chamar pelo seu nome, mas ninguém me ouvia. Até que sem que eu menos esperasse a maçaneta abriu. Voltei para sala e Juliana perguntou se eu queria jantar. Eu respondi que estava sem fome, e agradei pelo convite. Aí, a senhora que trabalha na casa da Ju falou: “você vai levar uma jantinha pra você, nem que seja num potinho. Vou preparar e você já leva quentinha.” Quanto carinho, quanto cuidado. Quando me lembro de Angicos a palavra que me vem à cabeça é amor. Todas as pessoas que convivi em Angicos tem uma coisa tão genuína, tão bonita dentro de si, que a gente fica diferente depois que tem contato com eles. A gente muda, sabe. A gente muda até nossa visão existencial. Agente fala: “caramba tem muita gente boa no mundo também, né! Tem muita gente bacana, tem muita gente do bem. Tem muita gente que quer o teu bem. Tem muita gente que torce por você. Tudo isso mexeu muito com a minha cabeça, e eu já não sou mais a mesma depois de ter vivido a experiência de Angicos. Minha autoestima, minha fé. Essa glória, essa benção, esse presente que a vida me deu. Ter botado essas pessoas pra me ajudar nesse nível, nessa proporção, eu nunca vou esquecer na minha vida. Peguei a quentinha, agradei, me despedi de todos, e o esposo da Ju foi me levar na pousada. Chegando lá, deitei, antes tomei um banho, liguei a televisão, telefonei para a minha mãe, falei com Bento, falei com meu irmão, descansei e depois dormi. O dia seguinte era o meu último dia em Angicos.



Figura 8: Céu encoberto minutos antes da procissão sair no centro de Angicos, em homenagem ao padroeiro da cidade São José.
Fonte: Acervo da autora, 2025.

Um até breve, 2025, Angicos, Rio Grande do Norte.

Quinta-feira, meu dia último, enfim, o meu último dia. Para mim não importava a ordem dos fatores naquela quinta-feira que se iniciava. Acordei e tive uma crise de choro. Eu não conseguia parar de chorar. Era um misto de emoções. Era um choro de muitas coisas. Era um choro de ver que a minha missão estava cumprida. Era um choro de estar indo embora de um lugar que eu esperei tanto tempo pra chegar. Era um choro de gratidão por tudo àquilo que aconteceu comigo, que eu não esperava que fosse de um jeito tão especial. Foi um choro pelo acolhimento que recebi. Um choro de alívio, porque eu tinha conseguido realizar a pesquisa. Eram lágrimas de saudade, pois eu estava indo embora de um lugar que eu me encantei. Quando a gente vai para uma pesquisa de campo, a gente pensa muito na parte técnica, em como a gente vai executar, em como a gente tem que fazer, na maneira que a gente vai agir, se vai encontrar contratemplos pelo caminho, mas correu tudo bem durante a pesquisa, melhor até do que eu imaginava. Nesse dia, a professora Juliana combinou de me buscar às 8h na pousada, pois a mesma tinha me convidado pra participar de uma discussão do primeiro e do segundo capítulo do livro *Pedagogia da Autonomia* na UFERSA às 9h. Ju me buscou na pousada, coloquei minhas malas no bagageiro do carro, e como eu havia dito a ela que não

tinha conseguido comprar o tecido pra M fazer meu vestido porque a loja estava fechada, ela se ofereceu para me levar para comprar. Voltamos na mesma loja que fui com M no dia anterior, e eu falei pra Ju: “eu memorizei mais ou menos o caminho, e sei que é mais ou menos por aqui. M que me trouxe aqui ontem, e vou conseguir achar.” Errei o caminho na primeira vez, mas na segunda vez que demos a volta na praça eu acertei. Conseguimos chegar à loja que M havia me levado, e comprei o tecido de viscose amarela. Comprei mais um tecido de viscose de bolinha azul. Comprado os tecidos, fomos para o Memorial Paulo Freire na UFERSA, onde participei do debate do primeiro e do segundo capítulo do livro Pedagogia da Autonomia. Por volta das 11h, a professora Juliana encerrou a aula, pois eu tinha que estar ao meio-dia na rodoviária de Angicos para comprar uma passagem para o município vizinho chamado Assú, e de lá comprar a minha passagem de volta para Fortaleza. Assim que a aula terminou, agradei por tudo, disse que estava muito emocionada, e que eu já estava morrendo de saudade de todos. Fomos ao corredor do Memorial Paulo Freire que tinha um tecido preso na parede. No tecido tinha o desenho de uma árvore pintada, com galhos verdes, e ao lado tinha uma mesinha com dois potes de tinta, onde as pessoas deixavam seu nome escrito em alguma parte da obra de arte. A representação simbólica daquela árvore para mim, era de que o conhecimento cresce em proporções infinitas, e que cada um de nós que passou por ali pelo memorial, deixou um registro de aprendizado. Logo em seguida, quando terminei de fazer a minha assinatura, Victor perguntou para mim: “Luciana, eu posso perguntar pra você algumas coisas, gravar você querida, te perguntar o que você sentiu, e como foi viver essa experiência que você teve aqui em Angicos, poderia nos contar?” Eu respondi: “Lógico que posso.” E dali nós fomos para sala principal do Memorial, onde ficam os objetos pessoais dos ex-alunos, alguns já falecidos, e outros não. Eles me colocaram próximo a uma mesa, onde tem um quadro de Paulo Freire com os alunos na escola da cidade onde aconteceram as aulas. Vitor e outra aluna da UFERSA começaram a me entrevistar, e a realizar várias perguntas. Autorizei a gravação e a divulgação da minha imagem. Eles ficaram à vontade para me perguntar o que gostariam, e eu fiquei muito contente em ouvir o que a professora Juliana disse para mim: “Luciana, nós recebemos no Memorial, muitos alunos que procuram vir aqui para saber a história dos ex-alunos de Paulo Freire. Mas a gente muita das vezes, se sente como se tivesse remando contra maré, sabe. Você trouxe uma experiência e uma vivência muito rica para nós. O seu jeito, a sua forma de conduzir a pesquisa. Você trouxe tanta coisa pra gente. Você contribuiu tanto, e foi tão gostoso poder te acompanhar.” Eu fiquei muito feliz de ouvir as palavras de carinho da professora Juliana. Saindo do Memorial Paulo Freire havia um jardim em frente onde cada ex-aluno plantou uma árvore de espécies diferentes. Tinha a árvore

plantada por M, C, por L e por P, e por outros ex-alunos espalhadas pelo gramado. Alguns já tinham falecido. Nesse caso, os próprios colegas de turma plantaram árvore do colega que não estava mais presente. Bati fotos no jardim, por entres esses pés de árvore, e localizei as mudas dos quatro ex-alunos de Paulo Freire que conversei. Depois fui batendo outras fotos com o nome de outros ex-alunos. Tinha mangueira, ipê branco, pé de mamão, dentre outros. Era um misto de árvores frutíferas e árvores que davam flor. Ao final das fotos fui para o carro de Juliana que me levaria até a rodoviária. Juliana ficou emocionada na despedida. Seus olhos encheram de lágrimas, e o meu também. Abraçamo-nos, e ela disse: “eu não sei qual é minha missão aqui, mas eu tenho uma missão.” Eu falei: “Eu não tenho a menor dúvida que você tem um tesouro em suas mãos que é o Memorial Paulo Freire.” Nós já havíamos conversado sobre possibilidades no espaço, como por exemplo uma pintura externa do Memorial com a imagem de Paulo Freire e os ex-alunos, um busto de Paulo Freire, dentre outras coisas. Avisei a ela que quando conversei com C, descobri que na casa dele havia um busto, e ela achou muito interessante. Disse a ela que ela poderia contar comigo para o que ela precisasse que mesmo de longe eu estaria sempre por perto. Disse a ela que um dia voltaria a Angicos novamente. Ela me convidou para fazer parte do grupo de pesquisa de Paulo Freire. Aceitei, e já estou dentro desse grupo, que é um grupo de whatsapp que está sempre trocando experiências. Ela me convidou para fazer parte em setembro desse ano de um evento no Memorial Paulo Freire. Fiquei muito grata pelos convites. Abraçamo-nos, choramos, entramos no carro, e ela me levou na rodoviária. Comprei minha passagem para Assú. Foi cerca de duas horas de viagem. Ao chegar, procurei o guichê da Viação Guanabara, comprei minha passagem para Fortaleza com saída às 15h30min. Sentei em uma lanchonete em Assú que vendia comidinha do Nordeste. Almocei feijão de corda, macarrão, arroz, uma rodela de batata-doce acompanhada de caipira. Depois de almoçar, deixei meu telefone carregando na lanchonete, coloquei minhas malas em um cantinho dentro da loja. Conversei com uns senhores que estavam próximos à mesa em que eu estava sentada. Eles me perguntaram como era o Rio de Janeiro, sobre os pontos turísticos. Tivemos um papo muito bom e descontraído. Depois fui dar uma volta por perto de onde eu estava e acabei entrando em um mercado. Comprei três quilos de farinha amarela nordestina, comprei feijão carioca e biscoitos nordestinos. Voltei pra lanchonete, e às 15h30min em ponto, o ônibus chegou. Coloquei minha mala no bagageiro, e fui pra Fortaleza. No caminho o motorista parou em uma churrascaria chamada Chimarrão, que foi a mesma churrascaria que Passos Júnior me levou quando o encontrei em Mossoró. Cheguei em Fortaleza às 22h. Todas as duas viagens, tanto a da ida, quanto a de volta, foram bem longas. Nunca tinha viajado de ônibus leito. Foi uma

experiência maravilhosa. Sentei no segundo andar, no assento número dois, tanto na ida, quanto na volta, pois tinha uma visão panorâmica da estrada. A vista era inspiradora. Voltei ouvindo a música “Lente do amor” de Gilberto Gil. Ouvi muitas músicas de Belchior e Djavan. A música desses artistas toca muito no Ceará. Essas músicas me serviram de inspiração durante toda a viagem. A música de Gilberto Gil fala, que pela lente do amor a gente pode enxergar tudo diferente, e eu vi que realmente isso aconteceu comigo. Foi através da lente do amor, que vivi dia a dia em Fortaleza, foi através da lente do amor que vivi cada segundo em Angicos. Eu escolhi usar a lente do amor, quando estava com os ex-alunos de Paulo Freire, quando estava com Victor, com Juliana, com Israel, quando eu estava na procissão, quando eu ia ao mercado, quando fui à lanchonete, sempre estava usando a lente do amor. Quando eu estava em contato com pessoas que eu nunca tinha visto antes, sentada à mesa almoçando, eu escolhi o amor como sentimento para me relacionar. O amor é transformador. Cheguei em Fortaleza às 22h, peguei um táxi e fui para o mesmo hotel que havia me hospedado anteriormente. Deixei uma diária paga para garantir minha reserva. Fiquei hospedada em um quarto diferente. O rapaz da recepção me deu a chave, fiz o check-in, assinei o documento de entrada e subi para o quarto. Tomei banho, vi um pouco de televisão. Comi um lanche que trouxe de Angicos e logo em seguida dormi.



Figura 9: Painel do corredor do Memorial Paulo Freire, onde deixei minha assinatura na obra de arte.

Fonte: Acervo da autora, 2025.



Figura 10: Foto tirada no jardim em frente ao Memorial Paulo Freire, com as mudas de árvores plantadas por seus ex-aluno, alguns vivos, outros já falecidos.
Fonte: Acervo da autora, 2025.



Figura 11: Doação de objetos pessoais de uma ex-aluna de Paulo Freire, doado ao Memorial na UFERSA. A ex-aluna já faleceu.
Fonte: Acervo da autora, 2025.

Véspera da partida, 2025, Fortaleza, Ceará.

Fazia um dia lindo. Os raios de sol iluminavam a mesa de café da manhã. A vista de frente para a praia de Iracema já estava me deixando com saudades. Comi tapioca e cuscuz, que são comidas típicas do nordeste. Tomei café preto, bolo e frutas. Fui à praia de Iracema e fiquei em um cantinho onde vi um número grande de pessoas reunidas. Fiquei ali, e fiz novas amizades. Conheci várias senhoras e senhores que frequentam cedo à praia. Ficamos conversando e experimentei uma tapioca de coco de uma das senhoras. Depois da praia, voltei para o hotel, tomei um banho e pensei: “vou caminhar e quero andar por aqui a pé. Quero conhecer os pontos turísticos da cidade e os centros culturais.” Haviam me indicado o centro cultural Dragão do Mar, onde tem exposição de vários artistas. Voltei andando para o hotel e pensei: “Não quero pegar táxi. Vou andar o que tiver que andar. Eu quero fazer tudo andando, porque assim tenho uma percepção diferente das coisas. É diferente eu entrar num carro, sentar, e ver as coisas pela janela. Eu quero poder ver tudo caminhando. Quero ver tudo de perto. Se eu quiser parar, eu paro. Já no táxi, não vou ter como parar. Se algo me chamar a atenção, não tem como eu pedir ao motorista para parar. Quero fazer toda essa caminhada andando, como se fosse uma peregrinação. Eu já resisti a tanta coisa. Agora quero andar nesse sol, e quero caminhar e conhecer os lugares. Nada vai me fazer parar de andar, nem mesmo o meu cansaço.” Fui caminhando até o Dragão do Mar, que tinha uma exposição linda de Iemanjá. Havia uma exposição muito interessante de um boneco de barro que tinha um símbolo religioso muito grande na região. Andei no centro cultural, e visitei vários espaços. Depois caminhei até o mercado central. No mercado, comi um prato chamado “panelada”, e que aqui no Rio chamanós chamamos de “dobradinha”. Disseram que eu não podia ir a Fortaleza e não comer panelada. Almocei, e depois fiquei caminhando no mercado central. Vi as lojinhas de artesanato e voltei andando. Passei por uma rua que funciona uma feira que começa às 4 horas da manhã e termina na parte da tarde. Comprei umas coisas baratinhas. Continuei caminhando, passei por uma igreja, bati uma foto, depois voltei para o hotel. À noite fui novamente à Avenida Beira Mar, e encontrei o artesão Beto, com quem tinha comprado uma sandália de palha buriti. Ele me reconheceu, falou comigo, me deu um abraço e tiramos uma foto. Caminhei na orla, comprei água mineral e depois voltei para o hotel pra descansar porque no dia seguinte, era meu último dia no nordeste.

A despedida, 2025, Fortaleza, Ceará.

Era um sábado ensolarado, o meu último dia no Nordeste. Meu vôo de retorno para casa era às 16h30min. Pela manhã, acordei e fui à praia de Iracema novamente. Eu estava

com uma trança no cabelo que havia feito no dia anterior na Avenida Beira Mar. Uma trança com fitas brancas e presilhas douradas que realçavam o meu visual na manhã desse dia. Ao sair da praia, fui almoçar em um restaurante próximo ao hotel em que estava hospedada. Era dia de jogo no estádio de futebol Arena , e o restaurante estava cheio de torcedores. A comida era bem gostosa, comida nordestina, com uma variedade muito grande. Comi carne, frango, farofa e baião de dois. Após o almoço, voltei pro hotel caminhando, tomei um banho, e aguardei o motorista de taxi que vinha me buscar às 13h30min para me levar para o aeroporto internacional de Fortaleza. Cheguei no aeroporto às 14h30min, como eu já tinha feito “*check-in*” pelo celular, fui direto despachar as minhas malas. Fui para o setor de embarque, sentei em frente ao portão 28, e fiquei aguardando meu voo para o Rio de Janeiro. Entrei no avião deixando o meu coração cheio de saudade de Angicos, cheio de saudade de Fortaleza, pois as memórias e as experiências que eu vivi foram únicas e mágicas. Foram momentos descritíveis e indescritíveis ao mesmo tempo. Tenho muita gratidão por tudo o que vivi, muita gratidão por ter encontrado pelo caminho da vida a minha orientadora, a professora Adriana Alves, por ter vivido momentos inesquecíveis durante a trajetória do mestrado, com o coordenador do curso, o professor Bruno Bahia, e por todos os professores que tive o prazer de conhecer no PPGEA. Agradeço aos amigos que fiz , por toda a experiência e vivência que adquiri com a realização dessa pesquisa. Sonhei, acreditei e realizei. Esses são os verbos que me acompanharam durante todo o processo de concretização desse trabalho de pesquisa. Muitas vezes tive medo, insegurança, mas dentro de mim, havia a certeza de que tudo daria certo. Não ter desistido do meu sonho e ter chegado até o final, foi a minha maior conquista.

5.1 Análise de Índícios no diário de pesquisa

Para analisar as narrativas contidas no diário de pesquisa, sublinhei palavras e fragmentos que demonstram as memórias da pesquisadora na relação com as histórias contadas pelas educandas e educandos que participaram da primeira turma de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire em Angicos, RN. Conforme o problema de pesquisa apresentado neste trabalho.

Após a seleção dos trechos sublinhados, o quadro a seguir indica os temas que os representam, de acordo com o objetivo geral e os objetivos específicos já expostos anteriormente.

5.2 Lampejos em ação

Lampejos dos educandos e das educandas	Temas
<u>“Você está usando um vestido igualzinho ao que a minha professora usava. Ela tinha um vestido assim.” (Lampejos de M,p.53)</u> <u>“O sonho que eu tenho na minha vida, é pegar um carro, nem que seja um carro velho para ir para igreja.” (Lampejos de L, p.60).”</u> <u>“Hoje em dia agente faz o que quer, e o que gosta. Porque se eu vou fazer uma coisa que eu gosto, aquilo pra mim é uma coisa de gratidão.”(Lampejos de P.p.65)</u> <u>“Um professor muito bom viu. Eu gostei do professor, ia agradecer a ele. Eu nunca vi ele não, mas agradecia a ele, pelo estudo né, 40 horas né. (Lampejos de C,p.61)”</u>	Afetividade na memória
<u>“O que mudou foi o que aprendi, a ler e a escrever, agora eu faço que nem a história que o povo disse que só é o que eu sei dizer, porque aprendi a ler e escrever aí eu sei entrar e eu sei sair, se eu for nessa rua, aí eu já sei o nome dessa rua, se eu não soubesse ler não dizia o nome para sair lá para outro lado.” (Lampejo de M,p.56 e 57)</u> <u>“Aí ele perguntava o que era sapato, belota, tijolo, enxada. Belota é aquele um negócio da rede, sabe. Aí quando acabava as aulas agente vinha aquela rama de gente para casa todo mundo feliz. Eu gostava, agente voltava contente que só.”(Lampejo de L,p.59)</u> <u>“senhora, olhe pra mim e pra muitos que no período aqui, Paulo Freire alfabetizou mais de trezentas pessoas, em 40 horas, pra senhora ter uma ideia né, mas foi muito gratificante porque milhares não sabiam de nada.” (Lampejo de P,p.64 e 65)</u> <u>“Foi a maior escola que já estudei foi a de Paulo Freire. A minha professora chamava Valquíria, ela era a melhor professora que já tive.” (Lampejos de C, p.61)</u>	Alfabetização como leitura de mundo

<u>“Foi muito maravilhoso, porque eu pelo menos já sabia alguma coisa. Mas tinha milhares que não sabia de nada, Graças a Deus muitos aprenderam. Eu já estava no caminho, assim bem dizer” (Lampejos de P, p.65)</u> <u>“foi bom que eu aprendi as coisas. Foi com ele. Foi. Não foi para outra escola não. Mas não era ele que ensinava não. Ele era o, como é que chama, o diretor, e tinha os aplicadores, conversando com agente e tudo. A minha professora mora no Rio de Janeiro, morava, não sei se ela é viva. Nem me lembro do nome dela. Mas ela era bem assim, que nem você, é desse jeito. Desse jeito, da sua cor, gostava muito, vinha assim com essas roupas. Com esse tipo de vestido.” (Lampejos de M, p.56)</u> <u>“O meu primeiro contato com a escola foi com Paulo Freire. Agente ia para a escola na casa de Celina logo ali. Aí nós chegava lá, era Rosali e Pedro Neves, e quando nós chegava lá, ele ainda não tinha chegado, e nós sentava nas cadeiras na sala.” (Lampejos de L, p.59)</u> <u>“Eu me lembro de tudinho. Ela me ensinou a escrever tijolo. Eu me lembro de tudinho. Ela me ensinou a escrever enxada, belota. Ela me ensinou a escrever tudinho. Eu não cheguei a ver Paulo Freire não. Eu estudei, mas não cheguei a ver ele não.”(Lampejos de C, p.61)</u>	Experiências de alfabetização em Angicos
Lampejos da pesquisadora	
<u>“Agradei a P, disse que já era noite, e que eu estava muito feliz por ele ter me recebido em sua casa, aí ele respondeu de uma maneira tão linda, juro que nunca imaginei ouvir essas palavras: “eu estou muito mais feliz, chega o meu coração se emociona, num sabe, quando eu estou nesses momentos. As pessoas da qualidade da senhora, pessoa</u>	Afetividade na memória

<u>educada, amada, de carisma que nem a senhora num sabe, e todos aqui num sabe.” (Lampejos da pesquisadora, p.67)</u>	
<u>“Disse a ela que a gente vive momentos, experiências, mas a vida continua criando memórias. Então iniciamos o diálogo e ela disse seu nome completo” (Lampejos da pesquisadora, p.59)</u>	Experiência
<u>“Disse que era aluna da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e que estava pesquisando memórias e narrativas dos alunos da primeira turma de alfabetização de EJA de Paulo Freire, e que ele fazia parte dessa memória. Disse que ia ler um trecho da Pedagogia da Autonomia, livro que Paulo Freire escreveu. Iniciei a leitura: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é própria da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (Lampejos da pesquisadora, p.63)</u>	Narrativa

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3 Análise dos Temas dos Educandos e Educandas

Os fragmentos selecionados para representar esses temas indicam diálogos com a literatura discutida nesse trabalho:

5.3.1 Análise da Afetividade na memória

Ao analisar o tema Afetividade na memória, vimos no segundo capítulo dessa pesquisa que a memória, de acordo com Benjamin traz em si, momentos daquilo que a nossa imaginação consegue lembrar, o passado não é lembrado na íntegra, ele surge subitamente no momento do seu reconhecimento. Benjamin diz, que a verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugida. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento porque é irrecuperável toda imagem do passado.

Ainda no segundo capítulo, o autor Ricoeur, considera a memória, uma relação com o passado, passado este que traz caminhos, lembranças da imaginação que constituem a

memória.

De acordo com Brandão, no primeiro capítulo, a educação popular não parece ser um modelo único e paralelo de práticas pedagógica, mas um domínio de ideias e práticas regido pela diferença, para explorar o próprio sentido da educação, através do percurso dos diferentes modos de ser como educação popular, das suas peculiaridades e subjetividades. A educação popular está na diversidade de situações e formas que ela tomou, e possui hoje em dia, como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; como a educação do ensino público; como educação das classes populares; como a educação da sociedade igualitária.

5.3.2 Análise da Alfabetização como leitura de mundo

Ao analisar o tema alfabetização como leitura de mundo, no primeiro capítulo dessa pesquisa, Brandão fala que o compromisso com a educação popular perpassa pela realidade de vida de cada sujeito que dela faz parte. A realidade de cada aluno, suas peculiaridades especificidades, fazem parte dessa educação que busca tocar universo particular de cada aluno desenvolvendo suas potencialidades, levando como algo de extrema relevância suas subjetividades, e a sua leitura de mundo. Portanto, ensinar exige respeito a saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares que chegam a ela com saberes socialmente construídos na prática comunitária.

Ainda no primeiro capítulo, na obra “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire destaca a necessidade profissional de compreender e explicar sistemas, estabelecer regras e metodologias, que obriga o educador pouco a pouco pensar a sua própria prática. Separando-a por vezes do mundo e de domínios sociais e culturais onde ela concretamente existe, ou, ao contrário, associando-a diretamente a amplas e longínquas determinações sociais, o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada, na cultura, no lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui.

Segundo a Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de diretrizes e bases da educação nacional, no artigo 37, que discorre sobre a EJA, o artigo descreve que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. O primeiro parágrafo do artigo, diz que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e

exames.

Também relaciono com a história da EJA quando é formada por um caminho de disputas e lutas, avanços e retrocessos, em que a exclusão e a não garantia plena e efetiva de um direito constitucional básico, manteve milhões de jovens e adultos trabalhadores à margem dentro do Estado Democrático de Direito.

5.3.3 Análise da Experiência de alfabetização em Angicos

Na análise do tema a experiência de alfabetização em Angicos, no primeiro capítulo desta pesquisa, o livro “40 horas de Angicos” (2022), traz as memórias dos alunos de Paulo Freire no Rio Grande do Norte. O livro traz as memórias do vivido pelos alunos de Paulo Freire, através de relatos de vários ex alunos que relembram como as aulas eram feitas: em espaços improvisados espalhados por diversos locais da cidade, em repartições públicas, em residências onde os moradores cediam o espaço de suas casas. Não havia luz elétrica, as aulas aconteciam com auxílio de lampiões no período noturno, pois durante o dia todos os alunos trabalhavam. Primeiro eram ensinados o alfabeto, as vogais, e a escrever o próprio nome, a ouvir uma leitura que era individual, e outra coletiva das diversas famílias de letras para que os alunos compreendessem o mecanismo de formação de palavras. Aos poucos eram acrescentadas outras famílias de letras, formando novas palavras geradoras. Dessa forma acontecia o aprendizado da leitura e da escrita.

No primeiro capítulo desta pesquisa, os autores Lima, Júnior e Jaguaribe dizem que aula inaugural do projeto de Paulo Freire aconteceu no dia 18 de janeiro. O método de alfabetização de jovens e adultos ocorreu em dois meses. O livro intitulado: “40 horas em Angicos” (2002), cita que tudo o que foi vivido pelos alunos na época, e foi considerado deslumbrante, pois era visto como inovador e sofisticado. Todos os recursos utilizados eram considerados modernos para o período. Na metodologia, eram utilizados recursos físicos e materiais como: equipamentos como projetor, uma novidade que nunca tinha sido visto por eles na cidade, e que despertava atenção dos alunos para os conteúdos ministrados. As aulas eram bastante participativas com professores fazendo perguntas geradoras, que não eram aleatórias. As perguntas buscavam uma reflexão sobre a realidade, costumes e modo de vida dos participantes.

Essa pesquisa se debruçou para discorrer sobre o tema "educação popular", na obra de Brandão (2006), na qual o autor busca pensar criticamente a educação, compromissada com o povo, que pode falar e escrever frases e modos de saber, que poderão um dia libertar o homem e a mulher dos seus mundos. No primeiro capítulo desta pesquisa, o autor diz que a educação

popular pretende não apenas um novo método de trabalho com o povo através da educação, mas toda uma nova educação que considere o trabalho do povo. Portanto, segundo Brandão, este é o sentido da educação popular, transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular.

5.4 Análise dos Temas da pesquisadora

5.4.1 Análise da Afetividade na memória

A afetividade na memória através do vivido pelos lampejos da pesquisadora, está relacionada com o capítulo II desta pesquisa, no qual Walter Benjamin no livro: “Obras escolhidas II, Rua de mão única”, traz vários trechos que são as suas memórias do vivido. A imagem do passado só pode ser apreendida como aquilo subitamente iluminado no momento do seu reconhecimento. Rememorar o passado não significa dizer como ele exatamente ocorreu.

Ainda no capítulo II, o autor Paulo Ricoeur, em seu livro “A memória, a história, o esquecimento”, a fenomenologia da memória se estrutura em torno de duas perguntas: do que se lembra e de quem é a memória. A memória reduzida a rememoração, aguarda pelo que há de vir da imaginação. De acordo com o autor, se dissermos que o sujeito da memória é o “eu” na primeira pessoa do singular, estaremos descartando memórias coletivas, e no que se refere as questões egológicas, independente do que o ego possa significar, primeiramente existe uma intenção que é imperativa. A memória sem considerar seu destino no transcorrer da história, da relação com o passado, pode levar a caminho longínquos, que são as lembranças, e em consequência a formação da memória. Lembrar é ter uma lembrança, ou ir em busca dela.

5.4.2 Análise da Experiência

Ao analisar o tema experiência de acordo com os lampejos da pesquisadora, no capítulo II desta pesquisa, Benjamin em seu livro “O anjo da história”, fala que a experiência era uma cultura pelo qual conhecimento era transmitido das pessoas mais velhas para as mais novas, conhecimento esses acumulados ao longo do tempo, da relação da cultura com a experiência, a experiência do vivido.

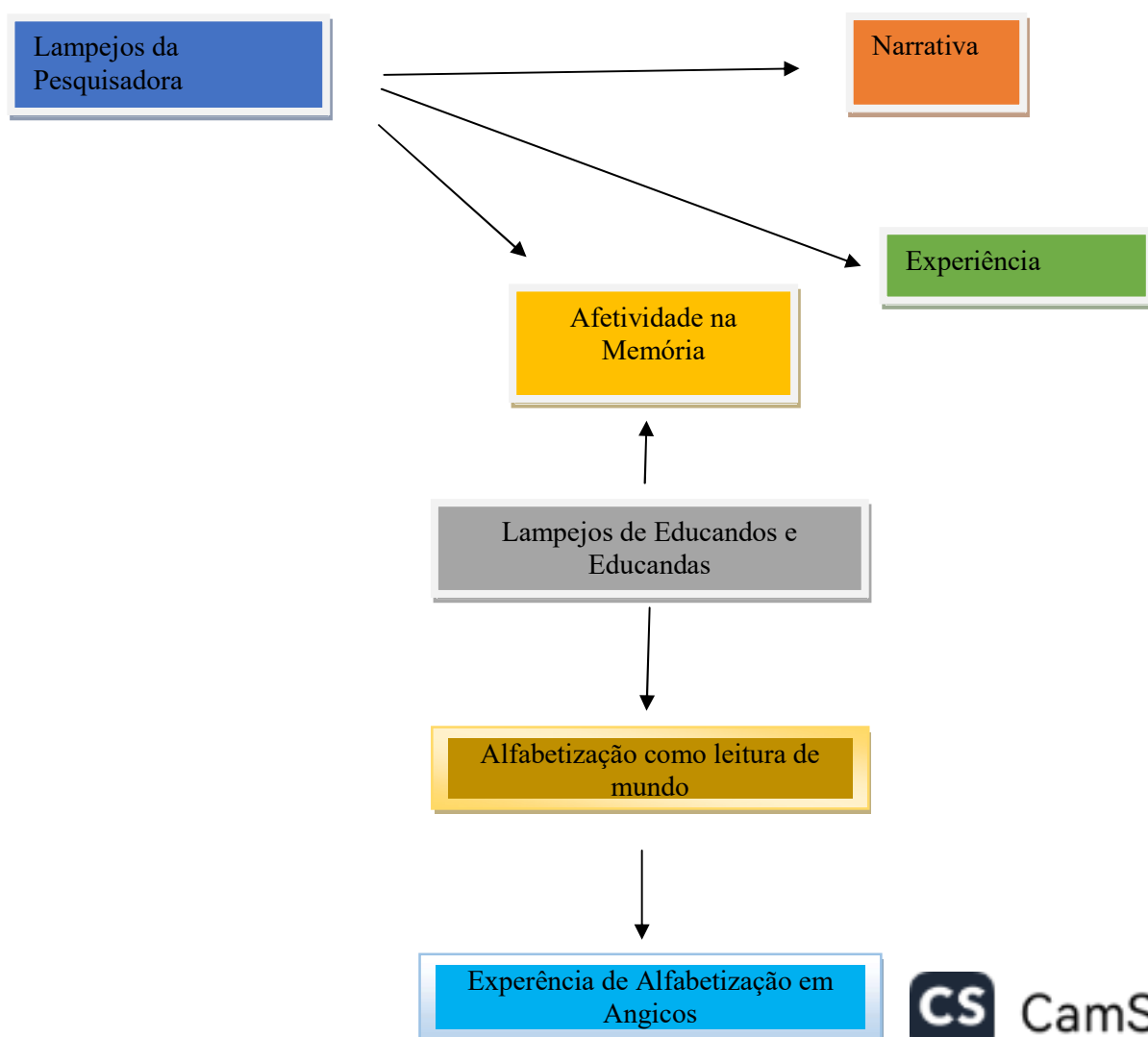
Ainda no segundo capítulo, o autor Larossa, descreve que experiência é aquilo que acontece conosco, é o que se passa com a gente, é o que nos toca, porém muitas coisas acontecem durante o dia e quase nada nos acontece, e o motivo, é o excesso de informação, pois a informação não é experiência. A informação não dá espaço para a experiência. Ela é

praticamente o contrário da experiência. Portanto, mundo contemporâneo baseado em estar informado, prejudica as nossas possibilidades de experiência.

5.4.3 Análise da Narrativa

A análise das narrativas dos lampejos da pesquisadora está relacionada com o capítulo II desta pesquisa no qual o autor Benjamin (1987), diz que a experiência é uma fonte em que o narrador irá recorrer para descrever as suas experiências. As narrativas escritas em forma de diário de pesquisa trazem toda a vivência e a experiência do vivido. Benjamin diz que a experiência da arte de narrar está extinção. Segundo ele, cada vez mais são raras as pessoas que sabem narrar os fatos ocorridos. Para ele, da noite para o dia a imagem do mundo exterior e do mundo ético sofreram transformações que antes não imaginávamos que fossem possíveis.

5.5 Esquema visual dos Lampejos em ação



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender, através da análise das narrativas das memórias do vivido da pesquisadora, a relevância da experiência dos educandos e das educandas que viveram a experiência do método de alfabetização de adultos, da primeira turma de Paulo Freire em Angicos, RN. Nesse sentido, o objetivo proposto foi cumprido, pois a pesquisa foi realizada através de registros em forma de diário de pesquisa, que representou um recorte das memórias do vivido: pelos dois educandos, pelas duas educandas e pela pesquisadora, na relação com a literatura do tema da investigação. A rigorosidade e o detalhamento da análise estão localizados no capítulo que antecede essas considerações finais.

Angicos é uma cidade do sertão nordestino, que não possui uma data de fundação definida, e sim um processo de ocupação que começou por volta de 1760 com a chegada de Antônio Lopes Viegas e sua família, os Dias Machado, iniciando um povoado que mais tarde se tornou a cidade. Nos dias atuais, Angicos possui ruas asfaltadas, casas simples, poucas árvores, com a predominância de cactos em sua paisagem. Há uma igreja católica que é a igreja de São José, padroeiro da cidade. Os moradores são pessoas muito acolhedoras, usam em sua maioria bicicletas, pois não há transporte público na cidade. A experiência de Paulo Freire com o método de alfabetização em 40 horas, ocorreu em Angicos, pois na época, o nordeste tinha 15 milhões de analfabetos, e na cidade de Angicos, haviam 13 mil habitantes, no qual 75% eram analfabetos. Atualmente, há uma universidade federal, a UFRSA, criada no ano de 2005, quando a antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró, município vizinho a Angicos, foi transformada em universidade. Esta transformação resultou na expansão da universidade para outros campus, incluindo o de Angicos. Segundo o site cidades do meu Brasil, há doze escolas públicas em Angicos, e através de conversa com Vitor, neto do senhor P, as escolas que possuem EJA não utilizam o método de alfabetização de Paulo Freire.

A relevância educacional desta pesquisa para o campo da educação, é que ela traz as memórias do vivido pela pesquisadora, através de diários de pesquisa, que podem contribuir para a formação de professores, educadores, educadoras e de leitores interessados pelo tema pesquisado. Tema este, que faz parte da história da educação brasileira. Há assuntos que ainda podem ser investigados, como por exemplo, se as turmas atuais de educação de jovens e adultos das escolas de Angicos, utilizam o método de alfabetização de Paulo Freire.

A relevância social desta pesquisa, é que há a entrega de um trabalho para a sociedade que traz as memórias das narrativas do vivido da pesquisadora com dois educandos e duas

educandas que se encontram vivos, e que viveram o método de alfabetização de Paulo Freire em Angicos, no ano de 1963.

A relevância pessoal desta pesquisa, é que ela contribuiu com aprendizagens significativas em meu processo de formação enquanto professora e pesquisadora. Este trabalho, é um trabalho datado, e que responde ao meu percurso de formação contruído até a presente data.

Este trabalho será entregue a todos os participantes que dele que dele fizeram parte, e para toda a sociedade brasileira que terá acesso a leitura desta pesquisa. Há a possibilidade, deste trabalho, vir a se tornar um livro em um projeto futuro.

7 REFERÊNCIAS

Angicos, Rio |Grande do Norte, Brasil – Genealogia. FamilySearch, 2023. Disponível em: https://www.familysearch.org/pt/wiki/Angicos_Rio_Grande_do_Norte_Brasil_-_Genealogia. Acesso em: 08/09/2025.

ALMEIDA, Patrícia Vasconcelos; ANDRADE, Flávia Luciana Campos Dutra. **Diários reflexivos: um instrumento relevante no processo de transformação e desenvolvimento profissional do docente**. Revista Educação e Linguagem, Campo Mourão, v.7, n.12, jan/jun, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas, vol.II. Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, volume 1, Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. Lisboa: Assírio Et Alvim, 2010.

BONDÍA, Jorge La Rossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; FARIA Juliana Batista; PEZZATO, Luciane Maria. **Refletindo sobre possibilidades de *Pesquisa* formação no Curso de Pedagogia: Diários e Narrativas Pedagógicas**. Revista e Currículo, Março, 2023.

BRANDÃO, Carlos R. Rodrigues. **O que é Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. Editora Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde. Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora**. São Paulo: Ed, L, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

Cidades e Estados. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/angicos.html>. Acesso em 08/09/2025.

CUNHA, Luiz Antônio. **Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil colônia**. In: Fórum Educacional. 1978. p. 31-65.

DOS SANTOS, A.; DOS SANTOS, R.; NUNES, C. **APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ "EDUCAÇÃO POPULAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**, RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade, v. 4, n. 7, p. p. 17-22, 30 dez. 2019.

Escolas em Angicos_ Rio Grande do Norte. Cidades do meu Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/rn/angicos/escolas>. Acesso em: 08/09/2025.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 64 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 8ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006- (Guia da escola cidadã;v.5)

GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos como direito humano.** EJA EM DEBATE, Florianópolis, Ano 2, n. 2. Jul. 2013.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LIMA, Higo; PASSOS, Junior; JAGUARIBE, Renata. **40 anos de Angicos: memórias dos alunos de Paulo Freire RN.** Mossoró: EDUFERSA, 2022.

LOPES, J.; ALVIM, Rosilene. **Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance.** Estudos avançados, v. 13, p. 105-124, 1999.

PARECER 11 de 2000, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica Assunto: UF: DF Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos Relator(a) Conselheiro(a): Carlos Roberto Jamil Cury Processo nº: 23001.000040/2000-55 Parecer CEB nº: 11/2000 CÂMARA OU COMISSÃO: CEB I – RELATÓRIO E VOTO DO RELATOR APROVADO EM: 10.05.2000

PEZZATO, Luciane Maria. **O que pode um diário Um olhar para a literatura acadêmica.** Revista Brasileira de Educação 29, 2024.

PEZZATO, Luciane Maria; BOTAZZO Carlos; L'ABBATE Solange. **O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica.** Saúde e Sociedade, 28 (3), Outubro, 2019.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarrye *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RUMMERT, Sonia Maria (Org.). **Educação de jovens e adultos trabalhadores: história, lutas e direito em risco.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

SANTOS, Arlete Ramos; SANTOS, Ramofly Bicalho; NUNES, Cláudio Pinto. **Apresentação do dossiê “Educação Popular: desafios e perspectivas.”** Revista Trabalho, Política e Sociedade. Vol.IV, nº7, 2019.

SOUZA, Naum Alves. *Aurora da minha vida*. São Paulo, 1981.

ZEICHNER, K. M. **Uma análise crítica sobre a reflexão como conceito estruturante na formação docente**. Educação & Sociedade, Campinas, v29, n. 103, p. 535-554, 2008.

8 APÊNDICE

Apêndice II - Fotos do Memorial



Figura 12 -Eu na festa junina da minha primeira escola, Instituto Castro e Silva, que não existe mais.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13: Eu e minha querida e amada mãe, que esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me apoiando sempre. Foto da minha formatura no ensino fundamental, antiga 8ª série, no Centro de ensino Eurípides Barsanulfo, conhecido como “Nosso Lar”. A escola também não existe mais.

Fonte: Arquivo pessoal.

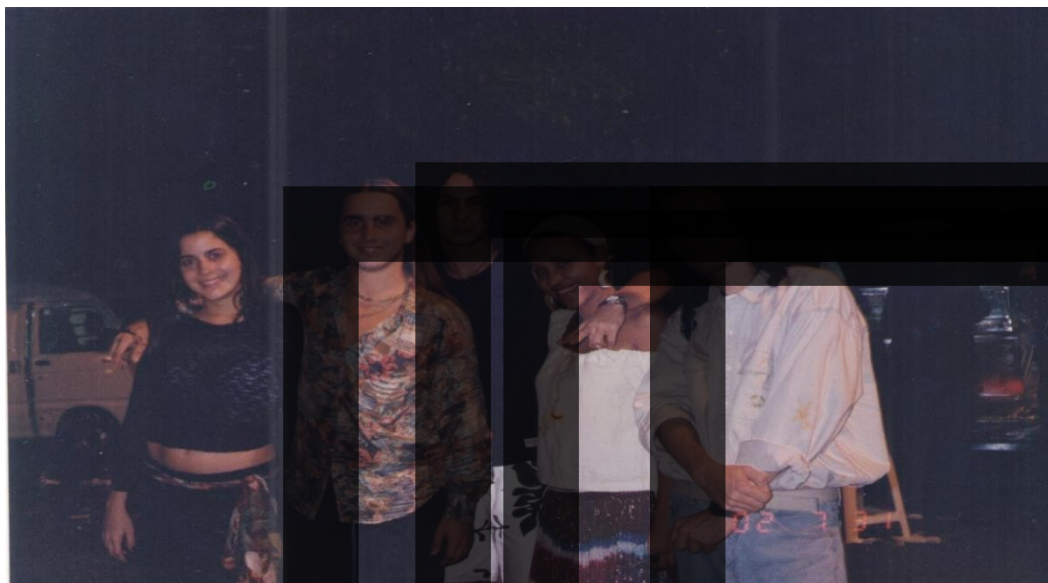


Figura 14: Eu, meus amigos, e meu grande irmão e amigo André, no forró da casa Rosa no bairro Laranjeiras, onde vivi 16 anos. Lugar que marcou a minha juventude.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15: Eu e meu amigo Alex nos formamos juntos na Escola Estadual de teatro Martins Pena, e estreamos na peça “Esse Mundo é um Pandeiro”, em cartaz no teatro Glaucio Gil no Rio de Janeiro. Um grande amigo que “partiu” cedo demais, e deixou muita saudade.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16 : Eu e dois alunos do Projeto Apostando no Futuro no campo de terra da comunidade Complexo da Paula Ramos, nas aulas de percussão, no qual eu trabalhava como coordenadora cultural criando projetos para a comunidade.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 17: Materia do jornal interno do Projeto Social Apostando no Futuro. Foto tirada com os alunos do Complexo da Paula Ramos durante as oficinas criadas e coordenadas pro mim no projeto.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18: A melhor coisa que já fiz até hoje: ter dado à luz ao amor da minha vida, meu filho Bento.
Fonte: Arquivo pessoal.